O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Thomaz Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 12 DE JUNHO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:364

A consciencia moral da nação

Continúa a infamissima especulação feita com a morte de D. Carlos.

O abjecto salta-pocinhas, pardal sem rabo, periquito empertigado, como propriamente lhe chamou, ha dias, n'este *Povo de Aveiro*, um nosso amigo de Lisboa, esse cavalheiro d'industria tão reles e descarado como todos os outros da republica, o bandalho Cunha e Costa, vinha perguntando no sabbado, no orgão repellente do Margarido das Flores, se el-rei D. Manuel não teria um amigo — muito prezam estes malandrões a *boa sorte* do rei! — que lhe dissesse *isto* e *aquillo*, e *aquell'outro*, tudo no bom proposito do rei **accertar** *pondo fóra o ministerio*, e accrescentando, o bandalho, estas palavras:

Se tal amigo que suppomos não existir existisse diria ao sr. D. Manuel, que qualquer que seja a sua inexperiencia politica, nunca devia perder de vista que o triste fim de seu pae e de seu irmão teve por causa uma "questão moral„ uma questão de dinheiro.„ Essa "questão moral„ essa "questão de dinheiro„ poz a nação em conflicto com o governo dessa epoca. Tambem o rei D. Carlos era constitucionalmente "irresponsavel„, tambem o cobria a "responsabilidade„ constitucional do governo. De nada lhe valeu! A "consciencia moral„ da nação não chegou sequer a perceber a "ficção constitucional„. Viu o caso simplesmente, como o veria qualquer particular, tendo de acudir aos seus compromissos de todos os dias. Viu, julgou, condemnou e executou. Não apreciamos neste momento o aspecto juridico do desforço; constatamos apenas o facto.

A tragedia do Terreiro do Paço foi, portanto, o desenlace de uma "questão moral„, de uma «questão de dinheiro„. Consumada ella, estabelecido ficou, pelo consenso geral, que nenhum rei poderia mais envolver-se em «questões moraes,» em «questões de dinheiro,» sem perder a corôa. E a espectativa com que a nação recebeu o sr. D. Manuel proveio principalmente de toda a gente fiar da sua «juventude» a sua probidade.

A consciencia moral da nação produziu a morte de D. Carlos. E a *consciencia moral* da nação fez o Cunha e Costa vereador na propria terra em que cahiu morto o rei de D. Carlos!

A *consciencia moral* da nação viu, julgou e executou o rei D. Carlos. E a *consciencia moral* da nação viu, julgou e aureolou os infamissimos bandalhos que temos aqui exposto e definido com assombro e nojo de toda a gente!

A *consciencia moral* da nação repudia e fulmina os ladrões da monarchia, *quando não andem ligados com os republicanos.* Mas acceita de braços abertos, acclama, engrandece, exalta os ladrões da republica, ou os ladrões da monarchia quando estes sejam recommendados pelos republicanos!

Eis o que é, eis o que vale, a *consciencia moral* da nação!

A *consciencia moral* da nação viu, julgou e executou o rei D. Carlos. E a *consciencia moral* da nação insculpiu em lettras d'oiro, na historia, os nomes dos *homens honrados*, dos *cidadãos justos*, dos *benemeritos patriotas* que foram seus instrumentos na execução do rei criminoso, ladrão, infame, isto é, o nome d'aquelle cavalheiro e santo homem que se chama o visconde da Ribeira Brava, d'aquelle virtuoso deputado que se chama Antonio Centeno, d'aquelle estadista cheio de abnegação e amor da patria que se chama José Maria d'Alpoim, e de todos os mais já sabidos e conhecidos, sem esquecer o *grande parlamentar* Affonso Costa, ardendo em civismo e pureza de algibeira e coração.

Eis o que é, eis o que vale, a *consciencia moral* da nação!

Uma *questão de dinheiro* levou o rei á morte. Uma questão de dinheiro, cem vezes repetida, levou estes ladrões á honra, á gloria, ao capitolio. Estes ladrões!

Eis o que é, eis o que vale, a *consciencia moral* da nação.

Nunca se viu este espectaculo, já não é a primeira vez que o dizemos, de um partido revolucionario estar profundamente, completamente desacreditado antes de subir ao poder. Nunca se viu!

Geralmente os partidos revolucionarios manteem, como os proprios partidos conservadores, o espirito da moralidade e da justiça, emquanto se conservam na opposição. E' no poder que se corrompem. Em Portugal viu-se isto: o partido republicano mais corrompido, mais enlameado, mais prenhe de gatunos, de devassos, da pulhas e bandidos de toda a ordem, que os mais dissolutos partidos monarchicos.

Nunca se viu! Não ha outro exemplo na historia!

Isso, e a circumstancia do partido republicano triumphar nessas condições, porque, de facto, triumpha, conseguindo perturbar profundamente toda a vida da nação, dá a nota exacta do valor da raça portugueza. Por mais optimista que se seja não se pode deixar de reconhecer que isto é patria liquidada.

Meia duzia de gatos, diz n'outra parte o abjecto Cunha e Costa, *teem posto isto em cheque.* E' uma grande verdade. Não passam, realmente, dissidentes e republicanos, em relação á grande massa do paiz, de *meia duzia de gatos.* Pois teem posto isto em cheque!

Em tudo se vê a especulação, a hypocrisia vil dos miseraveis.

Foi a *consciencia moral* da nação, dizem, e incessantemente o dizem, por estes e outros termos desde a tragedia do Terreiro do Paço, que matou o rei D. Carlos. Mas quem matou o principe real? Quem pretendeu matar o infante, hoje rei D. Manuel?

O rei estava morto quando o Buissa apontou pela primeira vez a sua carabina. Bom atirador, sereno, de vista penetrante, o Buissa viu isso muito bem. E tanto que apontou ao principe real. Cahido este, elle, sempre sereno, sempre medindo tudo, de vista magnifica, e todas estas qualidades se demonstram pela precisão do tiro, apontou segunda vez sobre o infante D. Manuel, que só por um movimento fortuito escapou da morte. Não contente, terceira vez apontou a carabina, sendo então, quando ia a desfechar, que o prostraram.

O que significa isto? Significa que não foi a *consciencia moral collectiva*, ou uma explosão da colera nacional, como pretendem os histriões, que produziu a tragedia do Terreiro do Paço. Se assim fôra, o crime limitar-se-hia á morte do rei. Não. Não foi isso. Foi uma conspiração *abertamente republicana.*

Ahi, como sempre, foram os monarchicos que começaram. Já aqui dissemos n'outro dia que o rei D. Carlos não foi victima dos seus defeitos, mas das suas virtudes. O rei D. Carlos tinha-se resolvido, a sério, a metter isto na ordem. Senão, não o matavam.

Resolveu-se, estava resolvido, terminantemente resolvido, fossem quaes fossem as suas culpas passadas, a metter isto na ordem.

Os bandidos da monarchia viram-no, adquiriram essa certeza, e foi perante ella, vendo-se feridos de morte nas suas negras ambições, que resolveram *supprimi-lo,* como insuperavel, terrivel obstaculo. Os republicanos foram mais longe: resolveram supprimir toda a familia real.

Aliás a velha tactica dos republicanos. Tactica revolucionaria. Então nós não o sabemos? Não andámos lá?

Sempre que os monarchicos projectavam *procissão* contra qualquer dictadura, ou para a *reforma da carta,* os republicanos adheriam, exclamando ao ouvido uns dos outros, a esfregar as mãos, de contentes: *Deixa-los vir para a rua, que nós faremos o resto.*

Ora o resto, no dia 1 de fevereiro, era aquillo: *a morte de toda a familia real.* Era o resto!

Plano diabolico mas politico. Por isso, mesmo, não sahiu da cabeça do Affonso Costa, nem de qualquer dos outros chefarotes, meros penedos onde a gente esfarrapa as mãos, quando cahe. Essas bestas só sabem atirar cascas de laranja a quem passa descuidado. Mais nada.

Esse plano sahiu da plebe, da plebe das choças, a terrivel plebe revolucionaria. N'essa sim, ha idéas. Foi ella que completou a iniciativa dos monarchicos, estendendo a sentença, que condemnava o rei á morte, a toda a familia real.

Morta toda a familia real, a republica, ao menos momentaneamente, era fatal. N'essa noite de pavor, e dada a conhecida covardia do poder, ninguem resistiria. Se nem com a simples morte do rei se resistiria a um habil, decidido, energico golpe d'audacia . . .

O João Chagas a metter-se na Relação do Porto, de proposito, nas vesperas de rebentar o 31 de janeiro, o Alves da Veiga e o Santos Cardoso escondidos, n'essa madrugada celebre, na latrina da casa da Rua da Lapa, e o malandrão e covardão do Affonso Costa, que não illude ninguem com a farçada dos duellos, a cortar as barbas, a disfarçar-se, antes de subir ao *alto da torre* para dar o signal revolucionario no 28 de janeiro, explicam eloquentemente e de sobejo o insuccesso de todos os movimentos revolucionarios em Portugal. Aliás surgindo sempre em condições extremamente favoraveis.

Mas a que proposito vem isto?

Isto vem a proposito de mostrar:

1.º A flagrante mentira da morte de D. Carlos ter sido obra da *consciencia moral* da nação, que *viu, julgou, executou.* Tambem *julgou* e *executou* o principe real? Tambem *julgou* e mandou *executar* o infante D. Manuel, o infante D. Affonso, a rainha D. Amelia?

2.º Que as allianças entre republicanos e monarchicos dão sempre um resultado mais *radical* do que aquelle que planeiam os monarchicos.

Já dissémos no domingo passado, aqui, n'este mesmo logar, que todo o partido monarchico, alliado aos republicanos depois da tragedia do Terreiro do Paço, se collocava, a si proprio, fóra da constituição, se excluia, voluntariamente, da legalidade. Hoje accentuamos isso ainda mais, pois é manifesto que não era por uma explosão da *consciencia moral,* que se ia matar os filhos e a mulher do rei. E, provado isso, provado fica que nenhum partido monarchico se pode alliar, já agora, ao partido republicano, sem o risco imminente d'arrastar a monarchia a uma queda desastrosa.

O rei que abra os olhos. E que veja.

Caso difficil

Zé Barbosa, o famoso Zé Barbosa, bota artigo na *Lucta*. E termina assim o empadão:

A monarchia cae por si. Os republicanos não precisam de aliciar ninguem para a demolir. O seu trabalho está reduzido á remoção do entulho que o constitucionalismo lega á Republica.

Está enganado o Zé Barbosa. O entulho da monarchia não se remove. Vae-se juntar ao entulho da republica. E como é entulho de mais, superior ás forças e dinheiro do paiz, só o poderá remover a Europa, expropriando isto por utilidade publica.

Agora o caso: onde irá parar o Zé Barbosa, convertido em farrapo sujo das calças do Camacho?

POZ-LHE A MÃO EM CIMA

Foi preso, como noticiaram os jornaes, por aliciar sargentos, o barbeiro de Carcavellos. E os papeis republicanos *riem-se* muito de mais esse logro em que cahiu o juiz d'instrucção criminal.

Riem-se? Então o juiz d'instrucção criminal acertou. Em elles se rindo . . . é certo: o juiz de instrucção apanhou caça! Não falha!

E acertou, na verdade. D'alguma coisa nos serviria ter estado um mez na Torre de S. Julião da Barra. *Tomámos o pulso áquillo!*

Elles andaram-nos a espreitar, os idiotas! Não tinham que espreitar. A espreitar e a denunciar. Denuncias que não passavam d'isto: que eramos visitado por muitos padres e thalassas! Isso mesmo era mentira. Mas que fosse verdade: era caso para ficarmos . . . compromettido ou deshonrado. Idiotas!

Elles espreitaram. Mas o que não sabiam . . . era que tambem nós *espreitavamos.* E ficámos sabendo *coisas preciosas.* Não as dizemos aqui, — e quando dizemos alguma coisa é aqui, assumindo todas as responsabilidades, — porque, emfim, não queremos concorrerer para aggravar situações desgraçadas. Deixar lá esses patetas.

Simplesmente perguntamos: que recompensa teve o sargento que prendeu o barbeiro de Carcavellos? Esse homem não praticou um acto insignificante. Para isso, n'estes tempos de covardia ignobil, de transigencia indigna, mas facil, ainda é preciso coragem. Depois, é da maior conveniencia animar á repetição d'esses actos. Um militar que prende um pateta que o vae convidar para se associar a uma revolução, não pratica um acto indigno. Ahi não ha denuncia com caracter de traição. Não ha, sequer, a simples denuncia. O militar pode acceitar o convite, arrostando o perigo e faltando aos seus compromissos. Não se deshonra, pois esses compromissos são de natureza a quebrar-se, sem deshonra. Mas se o não acceita, nem o auctorisou de qualquer forma, o seu dever é lançar mão ao atrevido.

Essa pouca vergonha de convidar ás escancaras militares, fiados na impunidade, está-se tornando escandalosa. Vamos a pôr cobro a isso! E a melhor maneira de o fazer é mostrar aos militares que cumpram o seu dever que não ficam esquecidos os seus actos meritorios. O que terá como consequencia immediata torna-los a todos mais cautelosos e prudentes, aos que acceitam e aos que convidam. E' bom para todos.

Não deixem cahir isso em sacco roto.

Povo de Aveiro

Temos sido muitas vezes solicitado a publicar annuncios no « Povo de Aveiro ». Nunca o quizemos fazer para não nos privarmos do espaço concedido aos assumptos politicos. Como as solicitações, porem, continuassem, resolvemos, emfim, acceder.

Resolvemos, tambem, satisfazer os desejos d'aquelles que, insistentemente, nos pediam que ao lado do artigo de combate publicassemos e dessemos expansão ao artigo de doutrina, meramente instructivo e directamente educativo, como, antes d'esta nova phase de combate sem treguas, e violento, que as circumstancias exigiram e exigem, se praticava no «Povo de Aveiro». Tinhamos pensado, para isto, n'uma revista. Mas a revista importaria uma assignatura especial. Os leitores da revista seriam, naturalmente, muitos dos leitores do «Povo de Aveiro». E não quizemos sobrecarrega-los com novos encargos.

Pozémos, pois, de banda, o projecto da revista, e vamos substitui-la por duas paginas do « Povo de Aveiro», de quinze em quinze dias, exclusivamente destinadas aos artigos de doutrina, de instrucção, de educação, e de noticia circumstanciada dos acontecimentos mundiaes. D'esta forma ficam plenamente satisfeitos os desejos dos que nos apreciam mais como jornalista doutrinario do que como polemista e jornalista de combate, sem que os apreciadores do polemista e do jornalista de combate fiquem prejudicados.

Nas suas quatro paginas actuaes, o «Povo de Aveiro» será o que tem sido ultimamente, isto é um jornal de polemica e de combate, porque pôr de banda, n'esta altura, a polemica e o combate, seria crime de forca. O combate continua, acceso, activo, insistente, intransigente. Cada vez mais activo, mais violento e mais intransigente. De quinze em quinze dias, porem, a começar no primeiro numero do proximo mez de julho, o «Povo de Aveiro» terá seis paginas, e duas d'estas, como que constituindo um supplemento, serão **exclusivamente** *destinadas aos assumptos de interesse geral e de estudo social.* **Sem augmento de preço na assignatura ou no numero avulso.** *Nós perderemos. O assignante, porem, o leitor, tem tudo a ganhar. Não tem nada a perder.*

Este processo, alem da vantagem economica, tem ainda, sobre a revista, dada a grande publicidade do "Povo de Aveiro„, a de tornar mais lata a instrucção e educação, que possamos ministrar.

Se os annuncios que vierem diminuirem notavelmente o espaço concedido aos artigos de combate, então destinar-lhe-hemos, tambem, duas paginas especiaes. N'esse caso o numero normal do «Povo de Aveiro» seria de seis paginas. E os numeros extraordinarios, dois em cada mez, de oito paginas.

O annunciante tem toda a vantagem em annunciar n'este jornal, pois, tirando o «Seculo» e o «Mundo», nenhum outro tem a circulação que elle tem em Portugal. O «Diario de Noticias», de Lisboa, não passa de Coimbra para o norte. O «Jornal de Noticias» e o proprio «Primeiro de Janeiro», exceptuando os numeros que este, exclusivamente, destina á venda de Lisboa, não passam de Coimbra para o sul. O «Povo de Aveiro» tanto circula no centro do paiz, como no extremo norte, como no extremo sul. Tanto se vende e lê nas regiões do nascente como nas regiões do poente.

Os outros jornaes teem a leitura correspondente á sua tiragem. O diario, ou se lê no mesmo dia, ou não se lê mais. O «Povo de Aveiro», não. Lê-se toda a semana. Vae correndo, durante a semana toda, de mão em mão. Tendo uma tiragem grande, tem ainda uma leitura correspondente a uma tiragem **dez vezes maior.** *E' um facto incontestavel.*

O annunciante, porém, virá ou não virá, que não estamos fazendo reclamo, no sentido falso da palavra. Estamos dizendo a verdade. Virá ou não virá. Isso é com elle. O «Povo de Aveiro» inicia com o primeiro numero do proximo mez de julho um melhoramento, dá vantagens, sem lhes exigir compensações, aos seus leitores. E' isso basta. E' uma prova da nossa prosperidade. Mas é tambem uma prova de que sabemos corresponder ao favor publico.

Que a parte doutrinaria será regularmente tratada, não ha, para quem nos conheça n'esse genero, duas opiniões. Suppomos nós. Que a parte de combate não é má, tambem nos parece averiguado. Então o «Povo de Aveiro» deverá merecer, do proximo mez de julho em deante, a justa designação de um **bom jornal.**

E ha de sê-lo. Se o não é já.

De boa raça

Diz o *Seculo* que o prior de Goes não deita a absolvição a quem não lhe offerecer, pelas festas, um gallinaceo.

De boa raça, de boa raça, o sr. prior de Goes! Que felizes que nós eramos, se o malandrão do Silva Graça se contentasse, para cumprir os seus deveres de jornalista e homem *mediocramente* sério, não já como um mas como um cento de gallinaceos!

Que felizes que nós eramos!

A desordem

A morte d'este paiz vem d'esse formidavel espirito de indisciplina e de desordem que em tudo se infiltrou, na camara dos deputados, na camara dos pares, nos ministerios, em todas as repartições publicas, nas familias, nos estabelecimentos industriaes e commerciaes, nas officinas, nas fabricas, nas ruas, no ar que respiramos, nas aguas que bebemos, nas pedras das calçadas.

O mais elementar criterio demonstra que sem ordem não ha governo, não ha trabalho, não ha progresso, não ha vida publica, nem vida particular.

Aos estupidos, aos imbecis, ás intelligencias tacanhas poderemos parecer ridiculo com esta nossa campanha systematica, e até violenta, a favor da ordem. Comtudo, já no ultimo numero demonstrámos, a proposito de uma burrice d'esse animal que se chama França Borges e que só poderia ser jornalista n'este paiz selvagem, como a ordem é rigorosamente observada n'esses grandes paizes que se chamam Os Estados Unidos da America do Norte e a Allemanha.

Imaginem que alguem se lembrava amanhã de prohibir, aqui, em Portugal, em Lisboa, como na grande cidade de Boston, que se falasse alto na rua, que se risse, que se assobiasse. Que tormenta! Que invectivas! Que injurias!

Em Portugal não se fala alto, berra-se. Não se ri, zurra-se. Não se assobia, apita-se.

Domingo passado estava eu no jardim publico d'esta cidade d'Aveiro. Bandos de rapazes e de raparigas esfarrapadas o percorriam, empurrando-se e tropeçando em quem passava, gritando, gesticulando, dançando, e proferindo palavras obscenas. Uma coisa vergonhosa, immunda. Pois estive a reparar que ninguem extranhava, nem ninguem intervinha! Aquillo era uma coisa commum, quotidiana, porca sim, mas habitual, como as moscas ou os percevejos!

Vae n'outra parte um artigo em que um nosso correspondente de Bragança se queixa precisamente do mesmo mal. E o que succede em Aveiro e em Bragança, succede no Porto, em Lisboa, em toda a parte. Já não é bem anarchia. E' a furia da anarchia. E' o delirio da desordem.

Ha dias dizia-me um official militar, que mora n'uma das ruas principaes d'esta cidade: «Nas noites do domingo para a segunda não posso dormir senão depois das duas horas da madrugada. Principalmente em certos dias. São bebedos a passar, a cantar, a berrar, a blasphemar, n'uma musica e n'uma linguagem infernal.»

E' assim por toda a parte. A furia da anarchia! O delirio da desordem!

Se um policia intervem é logo interpellado, injuriado e batido. Discute-se a ordem do pobre homem, diz-se-lhe que fale com termos, intima-se a ser delicado, e ai d'elle se *reponta!*

A canalha pode ser malcreada em face da policia. A policia ha de ser delicada em face da canalha! A desordem pode falar desabridamente. A ordem ha de falar delicadamente! A ordem é que diz á desordem, muito respeitosamente, mais do que respeitosamente, muito humildemente: *dá licença?* . . .

— Sim, senhor, diz, sobranceiramente, a desordem.

E então a ordem, mas só então, pode proceder livremente.

Jules Huret escreve, n'um dos livros já citados:

Cette soumission général crée en Allemagne un ordre admirable. Dans le mouvement et l'agitation des rues des plus grandes villes, je n'ai pas vu, en sept mois, un seul encombrement. C'est que, comme le policeman à Londres, le "schutzmann„ est roi, le "schutzmann„ est Dieu.

D'ailleurs, chacun est roi, chacun est Dieu dans sa fonction, je devrais bien le répéter pour le faire comprendre. Et le public montre autant de déférence au contrôleur d'omnibus qu'au plus magnifique porteur d'uniforme. Le consul de Belgique à Cologne me racontait qu'étant monté un jour dans un tramway déjà ébranlé, le conducteur arrêta la voiture et le fit descendre. La place ne manquait pas, mais le réglement avait été violé: il est défendu de monter dans un tramway en marche et d'en descendre. A' Düsseldorf, une jeune fille saute du véhicule après l'arrêt, glisse sur la voie et se casse quelque chose: procès, la Compagnie est condamnée à payer une indemnité. Un vieillard descend du même tramway alors qu'il bouge encore, et tombe sans se blesser: la police assiste à l'accident et dresse procès-verbal contre le vieillard.

Fosse cá! Fosse cá!

Fosse cá que a policia multasse um homem depois de elle ter cahido, por haver transgredido o regulamento!

Fosse cá que um conductor fizesse parar um carro para obrigar um passageiro a sahir, não por não haver logar, mas por elle ter entrado quando o carro já ia a andar!

Ha dias o sr. Forbes de Magalhães fez uma conferencia no Porto sobre a Noruega, que tinha visitado e estudado. Falando de Hamburgo, cita a educação do povo como uma coisa *verdadeiramente extraordinaria.*

Dos logares mais publicos não se furta o

mais valioso objecto. Ha por tudo um *respeito absoluto.*

Perfeitamente d'accordo com Huret, que dedica ao estudo d'essa cidade onze capitulos, no seu livro: *De Hambourg aux marches de Pologne.*

Na Noruega, a mesma ordem, a mesma educação primorosa. Em algumas cidades os carros americanos teem em cada plataforma uma caixa forte, onde o passageiro, sem que haja quem se pretenda eximir ao pagamento, lança, elle proprio, a importancia correspondente á sua viagem.

Aqui, o typo da ordem e da educação é a besta do senhor *Rabello,* illustre deputado da nação, a partir a carteira na camara dos deputados. E o typo da desordem é o presidente da camara a pôr o chapéo na cabeça, deixando, em vez de o mandar correr a pontapés, o senhor *Rabello* á vontade.

A desordem manda e berra. A ordem obedece e cala.

Paiz de cretinos! De verdadeiros cretinos! E quer isto ser um paiz livre e civilisado!

O cordão umbilical

Teixeirista-dissidente-affonsista & C.ª

Querem saber o que é o sobado de Murça e Alijó muitas pessoas no paiz, e dada a extrema leitura que tem o intemerato *Povo de Aveiro,* dirigido por mão de um dos poucos homens de qualidade no paiz, aliás desqualificado—e muito bem! — pelas quadrilhas monarchicas, com Borrachos e Pimenteis Pintos á frente, e pelas quadrilhas republicanas com Alonsos, Borgas, Unhas e Paduas na vanguarda, como *meneurs,* lembranos de apontar alguns factos, d'entre varios que conhecemos edificantissimos, do que aquillo é.

Exactamente uma coisa para lá do Marão, como soe dizer-se, é que em verdade parece por vezes não fazer parte d'este paiz, ainda que á matroca elle se exhiba a nossos olhos, sempre que hajamos de o considerar sob qualquer dos aspectos por que uma sociedade se manifesta na sua razão de ser.

Ha ahi uma verdadeira teia urdida em volta de muitas familias que sabendo realmente dos processos e proesas do illustre soba, não se atrevem todavia a manifestar a sua opinião de desagrado, de magoa mesmo contra semelhante brutamontes. Pois que elle é genuinamente uma besta, sem talento, sem meritos, — por extremo vingativo, — e só dispondo d'esta manha, d'esta ronha peculiar a todo o aventureiro com audacia, e que, como regra, são elles que constituem essa horda de politicantes, que, claro está, vão uns puchando pelos outros... Nem isto é um caso sporadico. Todos sabem da affinidade que liga bebados, jogadores, trampolineiros e malandros: classe por classe, bem entendido.

Depois a verdade é esta. Teve ensejo, teve sorte, e deu-se pressa em estabelecer a rede de amigos, — que estendeu inclusivè até Africa: jogadores, bebados, devassos, por signal conhecidos lá—pelos «de Alijó».

Não é raro mesmo ouvir-se esta ameaça nos referidos sobados de Murça e Alijó: — «deixa estar tens o pae [ou a mãe ou pessoa de familia com interesses] a morrer,e tu verás para onde te vae a casa e os haveres.» (!)

Podemos, sr. Homem Christo, jurar sobre a verdade d'isto.

E o facto é que os escrivães de fazenda, os procuradores, advogados, juizes, emfim gente do tribunal, como regra tambem postos ahi pelo birbante, lá estão de olho vigilante... Se é da grey corre-lhe a coisa com tal ou qual facilidade. Se, porém, não é, então está *pronto!* Pode contar com a malta para a vida... e para a morte!

E' mesmo um facto sabido: o Soiza o disse, que «se fosse ao poder era para servir os seus amigos»! Tal qual de resto como Alpoim, em tempo o preferiu; pois que sempre se entenderam estes miseraveis.

E aqui está o que haveria a esperar do dito cordão umbilical teixeirista-dissidente-affonsista, da republica se um dia constituisse governo. T'arrenego!

— Mas sejamos justos: a politicagem portugueza é isto!...

Em summa. E isto chega a ser repugnantemente inaudito. Um compadre d'elle, o Lousa (pouco menos que o seu homonimo), caceteiro emerito, administrador, etc. e tal, d'ali, teve um dia suas zangas com o Teixeira de Souza, e esperou-o para lhe dar um tiro; que só por uma casualidade feliz de desencontro de encruzilhadas—o que foi pena, visto serem dignos um do outro! — não teve o seu natural desfecho. Pois afinal, a despeito de todos os odios, lá se avieram como dignos parceiros, e hoje o Louza é mesmo um dignissimo deputado da nação... *Arcades ambo!*

Mas se vos admiraes, ainda lá vem mais. Isto posto que o caso não seja novo, mas é bom relembral-o. Quando o Teixeira de Souza foi fazer a sua viagem triumphal por Traz-os-montes, como ministro, é claro que não podia deixar de passar por Carlão, terra mal vista na provincia, e considerada mesmo como terra de assassinos, inclusivé. Ora, aquella gente pediu-lhe beneficios para ali, afim de commemorar o seu nome d'elle Soiza, etc. etc. E que imaginam os leitores que este «quadrilheiro» respondeu? Que «como commemoração bem se podiam elles lembrar que estavam impunes de muitos crimes, devido á influencia d'elle...» (!)

Isto é estupendo, mas é um facto, tão certo como ter havido os incendios nas repartições publicas que se sabe, graças á mesma infame parceria e impunidade!....

E este miseravel depois de servido... e seguro, como regra atira o devido pontapé a quem o serviu. Ah! nós sabemos coisas n'este ponto, que só a tiro se pagavam!

Ora agora chamem-no a fazer governo com dissidentes e affonsistas e ahi terão o quadro completo... e unico neste mundo portuguez de faccinoras! E o Wenceslau «Chantecler» com o das apalpadeiras, digno emulo do tenente austriaco Hofrichter que ora irá á forca por pretender envenenar não moralmente comc o de cá o fez, mas com cyaneto de potassio, os seus camaradas para... antecipar a sua promoção, que continuem a intrigar no Paço.

Ditosa condição, ditosa gente. E pobre rei!

G. R.

Então mudou-se?

O *Seculo* termina uma noticia sobre o *Credito Predial,* dizendo:

A Falperra, em Santo Antonio da Sé!

Então mudou-se?

Julgavamos nós, e toda a gente, que o *Seculo* ainda estava na rua Formosa!

O ladrão das saias

Marinha de Campos, o ladrão naval fardado de official de marinha, o gatuno descarado, o biltre sem sombras de pudor, que depois de ter roubado o Estado e todo o mundo, confessa, elle proprio, que roubou as saias e as camisas á creada, dizia, segunda feira ultima, no orgão official da prostituição republicana, entre muitas outras infamias que vamos analysar, o seguinte:

Que resta para perder a um traste, que a mulher com quem casou trahiu, não por excesso de sensualidade ou por devaneio romanesco, mas pela repugnancia que o marido lhe infundia na intimidade?! Que resta para perder a um canalha, cujo filho—o proprio filho! —abomina, trocando a affeição paternal pelo convivio com os que o desprezam?

Havia aqui um facto importante: o que diz respeito ao filho. O que diz respeito á mulher, não. Esse não tem importancia nenhuma. E não tem importancia nenhuma porque, infelizmente, essa creatura tornou-se bastante conhecida em Portugal para que meio mundo se risse do miseravel pulha quando diz... *que trahiu,* **não por excesso de sensualidade ou por devaneio romanesco...**

Para que meio mundo se risse e para que meio mundo visse, só por isso, o valor de todas as outras arguições do grande pulha.

Parece que a republica, fiel aos principios de moral que invariavelmente affirma em tudo, fez essa desgraçada socia e sucia de merito da *Liga das Mulheres Republicanas em Portugal,* pondo-a a dançar o *Maxixe* com a Maria Velleda e sob o patronato espiritual da sr.ª D. Anna de Castro Osorio. E é certo que no dia da procissão do desaggravo dos martyres da republica, ella caminhará no andor da presidencia, com o santo Bombardino Rachado de joelhos, em frente, e braços abertos, a receber-lhe as chagas que o despotismo monarchico, encarnado na nossa pessoa, lhe abriu nas carnes puras. Nem por isso deixa de ser certo, *ou por isso mesmo é certo,* que a infeliz cahiu na maior abjecção a que pode chegar uma mulher, mais prostituida e mais vil, e mais nojenta—salvo o Marinha—que muitas d'essas que nos alcouces, muitissimas, vendem o corpo por miseria.

Isto é um facto, que não se pode occultar, nem se deve occultar, desde que, alem de ser geralmente conhecido, os lazaros, que dizem representar em Portugal os principios da moralidade e da justiça, teem feito com o nome d'essa mulher a mais torpe especulação para nos ferir. Simplesmente para isto. Porque, de resto, elles sabem muito bem que essa mulher se prostituiu a ponto de não haver para ella attenuantes nem justificações de qualidade alguma.

Nenhum homem está livre de ter em casa uma prostituta. De ser enganado por ella infamemente. De a suppor uma mulher honesta sendo ella uma mulher vil. Desde que o homem, porem, logo que o sabe, expulsa do seu lar a miseravel, deu á sua consciencia e á consciencia publica as satisfações que são devidas.

Os miseraveis, os ordinarissimos tratantes que se dizem destinados a regenerar esta patria, a reformar os costumes, pela affirmação dos bons principios da moralidade e da justiça, já tinham consagrado o roubo, o assassinato, a fraude, a falsificação, a apostasia e a velhacaria politica. Todo o ladrão era honrado, todo o prevaricador ou falsificador estava innocente, todo o assassino era martyr, desde que estivesse filiado no seu partido. Faltava-lhes consagrar a prostituição, a mais abjecta e immunda prostituição feminina, e considerar deshonrado um homem pela simples circumstancia de o haver enganado uma mulher. Isso está feito. Fez-se isso, tambem. Felizmente. E digo felizmente porque já não falta nada, emfim, para classificar, com inteira verdade, essa cohorte, da coisa mais suja, mais repugnante, mais asquerosa que tem apparecido á face da terra com a hypocrita apparencia de partido.

Não tinha, pois, outra vez dizemos, a menor importancia contra nós, mas contra elles, a referencia ao caso da mulher. Tinha-a, porém, e muita, em relação ao caso do filho. E não por nós, ainda. Mas por elle. O miseravel que se chama Marinha de Campos é, como todos os da sua grey, ainda mais imbecil do que pulha. E, assim, não comprehendeu que quem elle condemnava, mesmo na hypothese de ser verdadeira a sua affirmação, não era o pae; era o filho.

Nunca fomos accusado, pelas pessoas de familia e pelos intimos, senão de excessivas condescendencias com esse rapaz. Condescendencias capituladas, por esses, de *fraqueza.* Não era tanto assim. Sem duvida que o sentimento, ahi, não me deixava proceder com a serena razão com que procederiam os extranhos. Comtudo, nós somos d'aquelles em quem o sentimento nunca triumpha da razão. Com mais ou menos hesitações, com mais ou menos demora, em nós é esta sempre que triumpha.

O rapaz tinha defeitos. Mas tinha qualidades. Com elle nasceram germens do mal, para o que lhe bastaria a tara terrivel da mãe que, por desgraça, o destino lhe deu. Mas com elle nasceram, tambem, germens do bem. Ora quem tem a nossa cultura sabe perfeitamente que, n'esses casos, depende das circumstancias e do meio fazer triumphar o bem sobre o mal, ou o mal sobre o bem. Deante d'um doente, d'um desequilibrado, é preciso proceder com discreção e paciencia. Ou o naufragio é certo. E nós, embora exercendo sobre o rapaz uma certa pressão de vez em quando, nunca quizemos, nem pela razão, nem pelo sentimento, castigar as suas rapaziadas com um abandono completo. Démos-lhe sempre protecção, amparo, carinho, e mais que o sufficiente para viver

Quantos não foram o demonio em rapazes, não praticaram dislates, tolices, quasi crimes, vindo a ser, mais tarde, cidadãos prestantes e homens correctissimos!

O rapaz foi para o extrangeiro. E deixou á nossa guarda a mulher e os filhos. Aqui está ella. Aqui estão elles, os dois filhos. Ha mezes. Sob este tecto que nos abriga. Como diabo nos abominava o rapaz? Como diabo vivia elle intimamente com os nossos inimigos?

Não podia ser. Em absoluto, não era verdade. Não podia ser verdade. Mas o que é certo é que a affirmação correria mundo, deixando, para a gente, o rapaz compromettido. Felizmente, hoje, sexta feira, recebemos, sem o termos insinuado ou lembrado, nem directa, nem indirectamente, este telegramma de Paris:

Não leio jornaes portuguezes. Enviam-me artigo Marinha Campos recortado *Mundo,* **onde entre milhares de calumnias ha referencias ao meu nome verdadeiramente infames. Desafio auctor a provar calumnia immediatamente ou preparar-se receber correctivo compativel sua reputação. Jamais fiz referencias menos elogiosas ao caracter de meu pae, cuja excepcional inquebrantabilidade admiro profundamente por ser unica na politica nacional. Procurei sómente manter-me extranho ás questões pessoaes excepto quando affectaram sua honra e jamais permitti na minha presença referencias desagradaveis para o seu nome; mas se alguem não comprehende a minha natural attitude e urge tomar logar no combate sinto muito prazer em lhe dizer publicamente que é a seu lado o meu logar, e tenho a maior honra em occupalo ostensivamente desde já, embora não concorde muito com o seu modo original de vêr as questões politico-sociaes. De longe só posso dizer isto pelo telegrapho em resposta Marinha. Peço publicação immediata d'estas linhas cujo desenvolvimento segue hoje correio. E para si, meu pae, a expressão da minha mais absoluta solidariedade e um abraço da mais profunda estima.**

HOMEM CHRISTO, FILHC

Está bem. Mas eis em que o rapaz differe de nós. Differe em varias coisas, mas esta é uma d'ellas: por coisa nenhuma eu gastaria sete mil reis n'um telegramma para responder ao Marinha de Campos. Sete mil reis! Esse telegramma não custou menos de sete ou oito mil reis. Sete mil reis para responder ao Marinha de Campos! A esse pulha, que não tem rabo para levar pontapés, cara para levar bofetadas, de face tão estanhada que se cospe e o cuspo escorrega! Eu diria sómente, e a segunda parte para tornar bem saliente o meu desprezo: *Mente o marinha. Escarro-lhe na cara. Escrevo.*

Sete mil reis!

Eu nunca perdoarei a esse malandro ter custado sete mil reis a um filho meu!

O rapaz quer-lhe bater e é muito capaz de lhe bater. Mas não bate, que eu não deixo! Eu não consinto que se bata n'esse pulha! A isso me opponho formalmente.

A esse pulha vestem-se-lhe as saias da creada, espetam-se-lhe nas orelhas as arrecadas da creada, põe-se-lhe na cabeça o lenço da creada, e, atraz, o rapazio, apupando-o. Mais nada. Alem disso, não se faz a esse pulha coisa alguma.

Vens lá com o latinorio do Seneca, pilho gafo, e estamos a ver que nem sabes latim!

Aqui não ha injurias. Aqui ha punhados de verdades que te esfregamos com lama na cara sem pudor!

Quando és mais pulha, mais vil, mais abjecto, ladrão da tua creada e ladrão dos cofres publicos quando nos injurias com a decisão do conselho disciplinar, ou quando escreves: *como tudo em Portugal se torna cada vez mais mesquinho para alem das fronteiras da Democracia?*

Quando, safado? Quando, brejeiro?

A *dentro das fronteiras da democracia fui eu considerado,* ó prostituto, ó pilho, *um homem honrado por todo o teu partido.* O directorio do teu partido, *constituido em tribunal de honra,* considerou-me um homem honrado, e a decisão do directorio foi approvada e consagrada, ó rufião da tua creada, por *um congresso do teu partido.* Quando se reuniu o conselho de disciplina do exercito, protestava alto e bom som, em conferencia publica no Largo de S. Carlos, pela minha *dignidade e correcção,* e contra a decisão do ministro da guerra, ó borlista da tua creada, ó rufio, o presidente do directorio do teu partido. Quer dizer: o partido republicano, vê-se agora, era um bando de pulhas quando me *qualificava,* e é um bando de pulhas quando, pelos mesmos motivos porque me *qualificou,* me *desqualifica.*

O directorio do partido republicano *qualificava-me* e o congresso do partido republicano approvando, sanccionando a decisão do directorio, qualificava-me egualmente. Mas o conselho disciplinar veio, e bateu com a *qualificação* na cara do directorio, e do partido republicano que approvou a decisão do directorio. E o partido republicano e o directorio não só estenderam a cara ás bofetadas do conselho de disciplina, como é agora a decisão d'esse conselho que elles arvoram, dando por indigna a sua propria decisão. Pulhas! Pulhas! Pulhas! Para isso ha só uma palavra: Pulhas! Pulhas! Pulhas!

O que ha, a dentro d'essas fronteiras da Democracia?

Pulhas! Pulhas! Pulhas!

Pulha o directorio, pulha o Marinha, pulha o partido, pulhas todos!

E falam em *codigos da honra,* os saltimbancos vis!

Ah! mas não deixava de ser util **que se viesse a apurar** *se a mulher e as filhas do sr. José Luciano de Castro arranjam dinheiro, leitores e transcripções para pasquins diffamatorios. Ai d'ellas!*

Assim termina o pulha o artigo a que estamos respondendo!

Que se viesse a apurar! Mas esse trapo immundo em que escreves, malandro, *já o deu como um facto positivo!* Mas esse trapo immundo já affirmou *que tinha provas e que ia pôr essas provas sob os olhos do publico.*

Birbante, que só tens arte para te servires de borla da creada, para a caloteares ainda por cimo, e, cumulo do rufio, para lhe ficares com as saias e as camisas! Então, afinal, está ou não está provado que recebemos dinheiro e assignaturas do Paço dos Navegantes? Quando és mais pulha, ó miseravel, *quando provas ou quando não provas?*

E tem este trocatintas, este borrabotas, este arlequim de baixo estofo, este palhaço d'arraial, pretenções a jornalista!

Rufio! *Souteneur* ignobil! Traste immundo! **Que se viesse a apurar!** Mas é facilimo apurar. Nós já dissémos, e repetimos, que pomos á disposição dos grilhetas, e não obstante toda a vileza, toda a immundicie moral dos miseraveis, **elementos de prova decisivos!**

Pulhas! Pulhas! Pulhas! Fique por uma vez dicto e assignalado: **não ha mais nada, portas a dentro da Democracia.**

E, resumindo:

O abjecto latrinario diz que fomos abandonado pela mulher. Ora a mulher fomos nós que a expulsámos, logo que tivemos conhecimento da sua infamia. Contra a mulher allegámos e provámos os mais espantosos actos de prostituição e de vileza. Por *unanimidade* lhe provou essas infamias um conselho de familia. Por *unanimidade* lhe tirou os filhos todos, a destituiu, como *indigna.*

O porco sujo diz que o filho nos *repelliu* e nos *abominou.* Ora o filho não só o desmente em termos cathegoricos, como, sem nossa intervenção, lhe esmurraria as ventas, ao traste, ao pulha, ao garoto.

O repugnante salafrario diz que o partido republicano, como a mulher, como o filho, como todos, nos escorraçou.

Ora quem escorraçou o partido republicano, sabe-o todo o mundo, fomos nós. Nós é que lhe voltámos as costas. Nós é que lhe atirámos á cara com todos os titulos e considerações com que nos queria distinguir.

Elle quer-nos *fulminar* com a decisão do conselho de disciplina. Mas não o pode fazer sem exauctorar, primeiro, formalmente, o directorio e o seu partido.

Elle quer apurar se nós nos vendemos ou não ao *Paço dos Navegantes.* Mas *quer apurar* o que ... *já estava apurado* pelo *Mundo.*

E diz que o injuriamos! Não. Esmagamo-lo. Trituramo-lo. Cuspimos-lhe na cara. Amachucamos-lhe na lama o focinho. Mettemos-lhe a tromba nas sargetas. Levamo-lo, de rojo, a pontapés, a empurrões, a safanões, pelo lodo.

Não o injuriamos. Deixamos provado, irrefragavelmente provado, que é um pulha. E um rabiscador. E um escrevedor ordinarissimo.

Que quadrilha! Que quadrilha!

E como isto é bem um paiz perdido!

Reforma da policia

Vou terminar, se conseguir que o sr. revisor me entenda as garatujas (1), e os leitores o entendam a elle.

Dizia eu, que fora tolice rematada transferir as attribuições policiaes do commissario para o administrador do concelho.

E' uma verdade que só a não vê, quem não conhece o politico. O politico é de per si, individualmente, um desorganisado; um grupo, dentro da facção, refina, torna-se mofeta, malaria, é torto e malfazejo. Desde M.me de Stael, esse espirito tão fino e tão observador, que nos photographou o do seu tempo, doente ainda, sonhador, poetico e idiologo, como lhe chamava o despota corso, até hoje, a especie tem feito escala e escala descendente. Tornou-se repugnante, simplesmente repugnante. Intellectualmente é vasio, oco e sonoro. Não vale nada, se for á contrastaria. Não tem uma ideia sua. E se lhe aflora alguma, é positivo não vir da rica glandula pineal, segregam-na as glandulas do estomago; não é producto do cerebro, nasce direitinha do tubo digestivo.

Moralmente é um organismo em decomposição, fede e contamina. A toda a parte leva comsigo os instinctos de fera ou a vaidade balofa do *chantecler,* pimpão e ridiculo. Tudo perturba, tudo desordena. Com tal gente comprehende-se lá que haja administração! Politica e administração tornaram-se entre nós termos incompativeis. Ora quem é nas localidades da parvonia *le bon enfant,* como elles dizem? O administrador.

E' elle o agente principal de todas as tranquibernias, falcatruas e espertesas illegaes, a capa rota e ampla, por onde se escapulem os contraventores.

Se quizerem pois fazer uma reforma seria, arranquem-lhe das mãos essa espada bota para os amigos e afiada para os contrarios.

Antigamente, e não vae longe, quando ainda não tinhamos descido a este grau de instabilidade e desaforo, havia em Bragança uma, até duas pessoas, que se revesavam no cargo, e o exerciam por largo tempo. Esta diuturnidade consagrava-os na opinião, e a elles estimulava-os o amor proprio e a quasi certesa da reconducção a bem merecerem no conceito da gente sensata. Agora ha cada anno dois ou tres, tirados dos seiscentos pretendentes, e surgem como tortulhos dos detrictos e adubos mais suspeitos. Fica a gente, quanto mais os pobres guardas, de cara á banda, quando se apercebe da nomeação. *Tableau!*

Temos pois de acabar com este gallinacio politico-administrativo, se quizermos acautelar os grandes interesses da ordem, do respeito á auctoridade e até da educação civica. Não haja duvida de que é tambem uma questão educativa, pôr deante dos olhos das gerações, que passam, representantes do poder que cumpram e façam cumprir a lei. E' mesmo esse o aspecto levantado da questão. Todos os homens sensatos concordam, em que entre nós não ha liberdade, ha licença. Só o charlatão politico, o dentista de feira é que diverte ainda o publico, provoca o riso com as nenias do despotismo e da reacção.

Reformem pois e reformem bem. Por agora, repito, a melhor organisação seria a militar. Pelo menos, emquanto muita gente não comprehender que os seus direitos são correlativos a deveres tão sagrados como aquelles. Tem vantagens immediatas, palpaveis. Não é preciso alterar processos, basta melhoral-os. O pessoal está já acostumado á pontualidade e exacção dos regulamentos. Não extranham o rigor e a direitura. Hoje não ha instrucção profissional, ninguem que saiba ministrar-lh'a; sob o commando de officiaes do exercito essa instrucção, tão necessaria, passaria desde logo a ser um facto. Tem garantias maiores de imparcialidade. O capricho e o favoritismo escandaloso impossiveis. Se os soldados da guarnição forem, como ás vezes acontece, os perturbadores da ordem, serão presos e punidos pelos superiores hierarchicos, evitando conflictos que estalam frequentemente entre a policia e a força armada.

Estas razões pesam a favor da reforma indicada. Mas, se a não querem assim, façam-na de qualquer modo, comtanto que acabe este espectaculo triste e desgostante, que diariamente se desenrola atravez d'este burgo transmontano.

Uma vergonha!

A vadiagem é pasmosa; a mendicidade descarada e inconveniente. Ninguem pode ir a uma romaria; ninguem pode acompanhar uma procissão, que os olhos não dêem de chofre com as chagas dos lazaros, e os ouvidos não sejam atordoados com as suas lastimas interesseiras e magoadas. A cidade é de ponto a ponto uma estrumeira. Quem quer, assobia, zabumba, berrega, zurra, regouga a qualquer hora da noite. A mora-publica é corrida a pontapés nas ruas, nas praças, no theatro, no cinematographo.

Por toda a cidade os garotos á luz do sol traquinam, jogam tudo, a pedrada uns contra os outros, e por tabella com as pernas e os queixos dos pacificos transeuntes; os vidros das janellas e dos candieiros de illuminação bem gritam contra esta selvageria, mas inutilmente em face da pachorra indigena e da indulgencia dos papás.

No rio que atravessa a cidade, tomam banho á pae Adão. As mães para se verem livres d'elles em casa, atiram-nos para a rua, e os visinhos que os aturem.

Nos passeios publicos, nos adros das capellas pastam jumentos e porcos, joga-se o fito, estragam-se os muros e o piso. Nos jardins quem quer arranca plantas, colhe flores, manda para lá as gallinhas em serviço de desinfecção e de ataque aos vermes. Os cães infestam tudo, emporcalham, ladram, uivam, namoram com a complacencia da respeitavel corporação policial e a desleixada acquiescencia de uma repartição que recebe todos os mezes participações mentirosas da regulamentar (no papel) extincção canina. Como se vê, sempre a hypocrisia a cobrir o desleixo e a sem vergonha. *Pendant* genuinamente portuguez. E genuinamente brigantino e nem a policia, nem as auctoridades teem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir. Taes quaes os manipansos da Guiné ou as peças anatomicas de qualquer museu zoologico. Peor que uma senzala de pretos, uma terra sem rei, nem roque. E ponho ponto.

V.

(1) O revisor só é culpado quando os auctores escrevem lettras e não escrevem... *garatujas.*

N. do Revisor.

CARTAS LISBOETAS

8 de junho

Succede ás vezes a um pobre chronista querer escrever e não ter assumpto, e se é mais raro acontecer que a abundancia de assumpto embarace, verdade é que a difficuldade não é menor.

Assim, por exemplo, a abertura do parlamento e a attitude da gente que na camara dos deputados se diz representar, legitimamente, o povo portuguez, daria uma chronica farta, recheiada de boas peripecias, uma chronica tanto ou quanto jocosa, visto como não é permittido ao observador imparcial conservar-se sério dentro d'aquella boa casa de espectaculos.

Quem poderá deixar de indignar-se ao lêr os extractos de certas sessões? E quem, afinal, não acabará rindo-se?

A opposição, ou porque veja o governo muito apegado ás cadeiras do poder, ou porque — que diabo, admitta-se a hipothese!—se sinta possuida de certo fervor patriotico, que a faz irrequieta, berra um pouco descompassadamente. Ha murros nas carteiras e chalaças pelo ar, e o presidente, farto já de ouvir tanta inconveniencia, enervado de tanto haver agitado inutilmente a campainha, decide-se, por sua vez:

«Se isto assim continua, interrompo a sessão!» E logo—que imaginam os senhores?—os paes da patria accodem depressa: — «Pois interrompa!» Ahi está a vossa condemnação, amaveis farçantes. A representação nacional é, toda a gente o sabe, uma das grandes mentiras deste paiz de mentiras, e a verdade é que a semvergonha vae augmentando e em proporções tão inquietantes que não é exagero pensar que não devemos estar muito longe do fim.

Isto quer dizer, nem mais nem menos, que as opposições não são sinceras nos seus combates, que não se visa senão a derrubar o governo, custe o que custar. Para governar, claro, seja como fôr; para comer, seja o que fôr.

O caso das cartas Serpa Pimentel passou; o patriotismo opposicionista recolheu a penates com a consciencia, com a sua lidima consciencia, satisfeita pela convicção do dever cumprido. Foi-lhe dada uma satisfação com a reforma do official da armada.

Pouco se falla já, mesmo, no inquerito do *caso* Hinton, que tambem não tardará muito a entrar na historia, e, agora, as attenções fixaram-se no descalabro financeiro do Crédito Predial.

Realmente a imprensa, mesmo a que é escripta pelos mais infimos traficantes, ainda a que tem defendido e reclamado e defende e réclama os mais authenticos canalhas, a imprensa das negociatas e dos monopolios, do elogio mutuo e da *chantage,* tem razões para se inquietar.

Ella representa a opinião d'este bom paiz de gente poupada e intelligente, não pode ver com bons olhos as fraudes do banco hipothecario e a sua indignação dita — a um nobre e alevantado espirito de justiça, dessa justiça incorruptivel que guia as pennas dos nossos gloriosos combatentes do jornalismo.

Ninguem duvida—seria uma estupidez, talvez um crime das suas boas intenções... Todos sabem a imprensa portugueza modêlo de virtudes patrioticas e reprobos seriam os que viessem á arena com reparos impertinentes ou perguntas indiscretas.

Mas... porque se dirigem todos os ataques contra a cabeça do governador do Credito? Porque é um dos maiores responsaveis? Porque é o unico responsavel?

Os regeneradores, por exemplo teem um marechal no Crédito. No conselho fiscal, dos taes que fiscalisavam tudo, que liam tudo, que sabiam de tudo... Esse homem—pouco importa o seu nome, seja quem fôr—tem responsabilidades graves e os seus correligionarios, os seus escrupulosos correligionarios, provada a sua cumplicidade só uma coisa deveriam fazer: abandoná-lo á sua sorte, affastá-lo do seu gremio, deixa-lo entregue ao destino...

Mas quê! O seu destino é a pasta da guerra no primeiro gabinete regenerador, que os echos de Trajouce ainda se não extinguiram de todo e ha homens imprescindiveis n'este bom foliar politico portuguez. Pois quem acredita, a sério, que os regeneradores pozessem de parte esse conselheiro Pacheco de bandós só porque, lá no Crédito, elle havia feito menção de fiscalisar... o que era infiscalisavel?

Aquella gente quer o poder, antes de mais nada. Para restabelecer a verdadeira moral no paiz, já se vê.

Elles são bem intencionados, todos são bem intencionados, elles são patriotas — quem não é patriota neste paiz em que pela patria o épico perdeu um olho e o grande Castro empenhou as barbas?—mas, no fundo do seu ser politico, ha, inquietando-os, aquella pequenina ambição do mando, um vago estonteamento do poder.

Cá em baixo, em volta, a democracia espera a occasião de dizer a grande palavra, de levantar o verdadeiro grito.

E assim, com os olhos postos no futuro, estes basbaques entram na historia...

* * *

Mas olha a gente em volta, á procura d'alguma coisa que falta, á espera d'alguem que não apparece nunca... Não do maná, que já não cae, nem d'um Messias, que não é preciso, tantos teem havido e tantos teem, pelo menos neste nosso facêto Portugal, falhado.

A' espera d'alguem que, armado de ideias sans, pondo acima de todas as mesquinhas ambições de facção o sincero desejo de servir este paiz corrompido e desgraçado, se proponha governar e vencer á procura d'alguma coisa de novo e de forte, que fosse a mais util reacção contra essa miseria crescente.

Infelizmente é doloroso este levantar de feira, mas com ser doloroso é, ao mesmo tempo, patusco.

Porque Portugal dá a impressão d'um velho bôbo, cambaleando ébrio na estrada, entre as vaias e apupos do rapazio, mas rindo-se elle de si mesmo, a si proprio trocando-se no ziguezaguear do seu caminhar incerto.

Nós sômos, sem duvida, um paiz originalissimo, e estes casos ultimos da politica, estes ultimos congressos do palavreado indigena, os boatos que correm, as versões que se acceitam, as reputações que se criam, as celebridades que se inventam, os traficantes que se toleram, os litteratos que se leem, os dramaturgos que se applaudem, todos, tudo confirma, a toda a hora, essa originalidade, bem doentia, por signal, quasi sempre.

Ainda ha dias o sr. Brito Camacho alludia na *Lucta,* e com certa ironia o frisava, ao facto de ter o parlamento portuguez gasto umas poucas de horas na commemoração funebre de Eduardo VII quando em Inglaterra nem meia hora se gastou.

E quem disse ahi de Eduardo VII, e o que se disse, santo nome de Deus! santo nome do Bom-Senso! Claro, ninguem poderia exigir d'esses senhores que traçassem o perfil politico do filho da rainha Victoria, grande de mais, pela sua obra para ser apreciado por esses cavalheiros que o ministerio do reino ou os azares da sorte atira-

ram num dia de inquestionavel bom-humor para o seio de S. Bento, a respeitavel e acreditada casa de iscas!

Mas que dissessem alguma coisa de geito, ao menos . . . que mostrassem que conheciam do estrangeiro um pouco mais do que lhes conta o *Je sais tout* ou a reportagem photographica da *Illustração*, que desfizessem um pouco a lenda criada de crassa ignorancia em tudo.

Ha na camara professores de direito . . . quem se referiu á obra internacional de Eduardo VII? Referir-se apreciando-a, criticando-a, expondo-a, explicando-a, com um seguro criterio de analyse, com conhecimento de causa—entende-se.

Ha economistas na camara? Quem indicou o papel do grande rei morto no desenvolvimento economico do seu grande paiz?

Tristemente palavras e mais palavras e só palavras e sempre só palavras, é quanto a dentro de S. Bento se ouve.

Não venham cá com gloriosos parlamentares, fructos pêccos duma democracia que não medrou.

Ouvimos uma vês isto, dito com a maxima propriedade, por quem tinha alta auctoridade moral e indiscutivel auctoridade mental para o dizer:

—«O que salva os ratões da republica são os ratões da monarchia». O que, exemplificado, dá o seguinte: «num parlamento de Oliveiras Mattos, esse Affonso Costa é um parlamentar».

Mas lá fora? Em Inglaterra luctando com Joseph Chamberlain, com Balfour, com Asquith, com qualquer outro, seria a mesma grande figura que bate aqui Campos Henriques ou, pró-forma, o almirante Amaral?

Quem o notaría, fazendo parte do *blóco* francês, ao lado de Briand, de Viviani, de qualquer desses combatentes, Millerand, Poincaré, Reinach? Socialista, na Allemanha, ao lado de Bebel, quem lhe saberia o nome?

E o que se diz do glorioso parlamentar nos dominios da politica, diz-se dos nossos romancistas, dos nossos poetas, uns excentricos cavalheiros que mettem dó e reclamam a vassoura com que o grande Camillo varreu os malfadados, imprudentes criticos do *Cancioneiro Alegre*, diz-se dos nossos dramaturgos genero Julio Dantas, ou dos nossos comediographos, estylo Schwalbach, a quem já uma excellente e burricalissima criatura chamou, numa folha, agudo philosopho—não juro pelo *agudo*, era assim coisa penetrante, mas responsabiliso-me pelo *philosopho*—diz-se da imprensa em que pontifica um polichinélo, Cunha e Costa. . . etc. . . etc. . . etc. . . . . .

Olha a gente em volta e pensa na grande e funda verdade d'aquellas palavras de Henri Heine no *Reisebilder*: «A vida é tão fatalmente séria que soffrê-la sem misturar a tragedia com a comédia seria impossivel».

A' tragédia do Crédito Predial corresponde a comédia de S. Bento.

Felizes os 80 o|o que não assistem a nenhuma das representações, nem podem ler as *peças* . . .

BELGAVINO.

Da California

Esta vem da California. Como a fama das virtudes da republica em Portugal corre já os hemispherios!

. . . *Sr. Homem Christo.*

V. escreveu no n.º 1359 um artigo de fundo brilhante, brilhantissimo. Todos estão convencidos, a meu ver, de tudo que V. ahi diz, até os fulminados, mas só V. assim põe tudo a brilhar, bem patente e palpitante deante da republiquice. E isso assim, é tagante, candente, em braza, fumegante, bramindo, refervendo, vomitando lavas e incendiando.

Ha mais quem tenha dito o mesmo, mas não assim como V. diz, "rudemente„, "verdadeiramente„, palpitantemente.

Mas, sabido que só os authenticos portuguezes, os que representam o espirito genuino dos nossos maiores, os que lhes herdaram o caracter e o espirito de virtude, podem salvar a patria, de ser devorada, engulida e tragada pelo chacal politico bandeado, onde estão os homens que hão de empunhar o tagante e correr os vendilhões da Patria? Que nomes teem? Onde vivem?

Se os ha e V. os vê, completaria a sua nobilissima campanha pondo-os á vista, seleccionados pelo alto espirito e patriotismo que o anima e orienta.

Se errasse na escolha de um, que viesse a ser traidor como Judas, o maior numero, como os apostolos, ficaria inabalavel como rocha e a barca da Patria singraria ávante.

V. fulmina com a excommunhão, mas não escolhe apostolos.

Oh! quanto eu desejava ver os apostolo ao lado do mestre! Diga V. por nome quaes hão de ser. Aponteos. Retrehem-se? Temos indicio de covardia. Vae-se a outros.

Todos apoiam (excepto os reos) a campanha de V.?

Logo são os seus apostolos.

Mas muitos não se querem mostrar ao lado de V. e com V. aparar os golpes do inimigo? Não são de V. O melhor dão-no ao diabo, ao inimigo. Já não ha illusões! Dar palavras a V. e obras (pelo silencio) ao diabo, não é de apostolo. Disse o Mestre dos Mestres: *qui non est pro me, contra me est.* De palavras atordoou o diabo o ceo . . .

Ninguem tem querido fazer o sacrificio de ser Mestre á custa de tudo e até da vida, como V, (ao menos com tamanho desassombro). Todos os sãos o apoiam. O Mestre é pois V., com acquiescencia até das consciencias religiosas de todos, porque V. proclama-se respeitador do espirito religioso e contra o proteccionismo a nenhuma. Pois os catholicos medram mais n'esse meio— o da tolerancia egual para todas as religiões — do que á sombra do pharisaico proteccionismo das monarchias romanas, digo latinas . . .

V., pois, é o Mestre.

Que dizem a isto os patriotas? Que diz a isto a nação?

Eu digo, penso e sinto isto, e se érro desculpem-me. N'estas coisas julgo covardia que cada um se não pronuncie.

Peço a V. a fineza de publicar estas minhas humildes considerações e queira desculpar o que n'ellas vae de rude para com V.

Padre José Fernandes da Silva.

Ou Elle, ou o Margarido

Lê-se no orgão official da prostituição republicana:

Liabeuf, aquelle homem condemnado á morte em Paris, por se ter desafrontado de alguns agentes de policia que o capturaram como *souteneur*, quando elle era um trabalhador honesto, já sabe que o pedido de indulto que fizeram para elle foi rejeitado. Não se mostra inquieto pelo que lhe vae succeder. Tem o que se pode chamar a consciencia do dever cumprido.

—Não assigno nenhum pedido, declarou elle a um jornalista. Julgo, effectivamente, que condemnado innocente como *souteneur*, os jurados deviam dar-me circumstancias atenuantes para o crime que commeti por odio á policia. Como nada fizeram, acceito a minha condemnação á morte Não mostrarei nenhum desfalecimento. Até ao ultimo momento da minha vida gritarei que fui condemnado injustamente como *souteneur*!

Ou elle ou o Margarido.

Não tem vergonha, o pulha, de deixar, no seu proprio jornal, patente esse contraste aos olhos de todos.

Outra tribuneca

Segundo as gazetas da republica, vae reunir a *Associação dos Logistas de Lisboa*, para reclamar . . . *contra o regimen de terror em que a policia lançou o paiz.*

Ha muito tempo que aquella tribuneca está a pedir uma vassoira!

Os republicanos não *perturbam o commercio* a ameaçar a toda a hora com desordens, a reclamar, a toda a hora, a revolução. Quem o perturba. . . é a policia, a prender conspiradores.

Olhem que isto só em Portugal. Concordem: só em Portugal. E só com um bando de sarrafaçaes á frente dos negocios publicos.

Se em logar de sarrafaçaes fossem homens os que nos governam, aquillo já tinha sido corrido á vassoirada ha muito tempo.

Tornamos a pedir aos nossos assignantes, afim de nos evitarem buscas trabalhosas, o favor de porem sempre o numero das cintas nos seus avisos ou reclamações

Pulhas todos

Vamos proseguir, já que assim é mister.

Visto que tudo se esquece entre nós, mesmo aquillo que, para edificação das gentes, sempre deveria estar presente na memoria, demo-nos á tarefa de relembrar factos de ha oito annos que parecem de ha um seculo, tão esquecidos vão d'aquelles mesmos para os quaes era util tel-os sempre presentes no espirito.

Que importa que sobre nós cáiam as maldições petroleiras de todos os marinhas de campos, se estamos cumprindo uma tão alta missão, que só não sabem vel-a aquelles que, vergados pelos seus crimes, trazendo a vista fixa no lodo, não podem endireitar-se e volvel-a para a luz?!

Acaso um homem honesto deve preoccupar-se com uma quadrilha de sicarios, que, uns aos outros, elles mesmos, se têm justiçado, poupando-nos ao horror da execução?!

Mas, tem a palavra o sr. José Pereira de Sampaio Bruno, na *Voz Publica* de 16 de janeiro de 1902, d'este modo se expressando sobre o chefe da quadrilha, e sob a epigraphe de

As declarações do sr. Affonso Costa ao partido republicano

O sr. Affonso Costa prosegue nas suas declarações:

Continuarei vivendo como tenho vivido.

Bem o desejariamos: por indole e por educação nunca nos regosijamos com as fraquezas alheias; e prefeririamos antes ver o sr. dr. Affonso Costa elevado do que abatido. (1) Os homens nascem eguaes; mas as suas acções fazem-os differentes, dizia aquella aguia do pulpito portuguez. Os homens julgam-se pelas suas acções. E a acção que o sr. dr. Affonso Costa acaba de praticar, não só põe em evidencia, como dissémos, um acto impulsivo, como deixa surprehender uma inferioridade psychica, que o inutilisa para a vida politica, pois nunca a direcção d'um partido, e de tantas responsabilidades como o partido democratico, pode ser confiado a filaucias de franchinotes.

Como o sr. dr. Affonso Costa é um irreflectido, não pensou nas responsabilidades sociaes e politicas que lhe cumpria observar, e como lente do nosso primeiro estabelecimento scientifico e como figurante em evidencia, do partido republicano, que condemna todos os processos oppostos á Lei e ao direito de liberdade do cidadão.

O sr. dr. Affonso Costa, que é um causidico distincto,—com boa dose de fortuna a soprar ás tubas ruidosas — que é um homem de leis, cumpria-lhe não deslustrar o sacerdocio da justiça de que se diz ministro austero—descendo á praça publica a esmurrar narizes em conspiratas vergonhosas, porque assim auctorisa a opinão publica a dizer que possue uma noção errada das questões d'honra, pois nunca ninguem ficou limpo se se atascou em baixezas.

E' verdade que o sr. dr. Affonso Costa não pode dominar esse impulso do seu temperamento; mas por isso mesmo que não pode domina-lo é que se evidenciou, por efeito d'essa crise, n'uma inferioridade que nós bem lamentamos.

A reflexão e a previdencia são qualidades innatas d'um dirigente. E se a fatalidade do seu temperamento não affecta a sua actividade mental como professor, inutilisa-o como politico de preponderancia, que tem responsabilidades a que não é possivel faltar.

O sr. Affonso Costa não pensou no acto que realisou, nem tam pouco nas suas consequencias: faltaram-lhe a reflexão e a previdencia. Dahi o desprestigio em que cahiu. *não podendo viver como tem vivido*, isto é, cercado do respeito social (2) porque os homens julgam-se pelas suas acções, e a que o bacharel impulsivo levou a effeito, em tam deprimentes circumstancias, não são das que illustram ou elevam; e a sua queda foi tanto maior, quanto de mais alto ella se realisou. (3)

O sr. Dr. Affonso Costa não teve em attenção a disciplina partidaria, as convenções sociaes, o respeito d'ordem publica, e deixou de respeitar-se a si proprio! E se um individuo não se respeita a si mesmo, como ha de merecer o respeito alheio?

Proseguiremos.„

*

N'este mesmo numero da *Voz Publica* se estampam artigos referentes a Alonso comediante que iremos reproduzindo. Por agora basta dizer que elles se intitulam:

As infalliveis injurias anonymas, em que Sampaio é ameçado pela quadrilha do Alonso.

As ameaças da matilha, em que Sampaio Bruno diz que «a matilha quer morder. Pode ser que morda. Mas, como não sabemos se estão raivosos, trata-la-hemos como se tratam cães damnados. Primeiro a pau, se resistem, a tiro.

(1) *Ahi tem o homem elevado, seu Bruno. Não viu? Foi ha dias, ahi perto, nas bouças verdes da Villarinha, ao cahir da tarde e ao tombar dos ultimos decilitros, que elle foi elevado aos hombros da mesmissima malta que o applaudiu, ha 8 annos, pelo seu acto infame . . .!*—(N. do *P. de Aveiro.*

(2) *Mas tem a cercal-o o respeito da sucia.*—N. Povo.

(3) *O Alonso da Costa não se despenhou de alto, não, porque já andava rojando-se pela lama; quem se despenhou, quem cahiu de muito alto foram todos os que, tendo-o classificado devidamente, lhe vieram a cahir nos braços.*

N'estas condições estão Duarte austero, *Henrique Cardoso* honesto, *Padua negro, Bartholomeu asqueroso e talvez o proprio sr. Sampaio, sabemos lá!*—N. R. P. Aveiro.

Para a historia d'um heroe (subsidios),—em que um collaborador diz coisas d'estes sem que Alonso o matasse:

«. . . . . Era preciso que o director politico conhecesse a fundo esse ignobil bacharel Alonso, para que podesse escorchar a preceito.

Entretanto offereço-lhe este lindo traço da biographia do biltre:

Era elle estudante ainda. Um dia, não sei porque motivos, suggere ao seu condiscipulo Fratel o plano insidioso de publicarem os dois, de collaboração, no jornal de Lisboa as *Novidades*, uma carga na Faculdade de Direito.

Fratel, ingenuamente, accede, embora comprehendesse o risco que corria, perante os mestres, aspirando, como aspirava, ao magisterio na Universidade.

E seria elle tambem o primeiro a desembestar.

Assim foi.

A cilada produzira o supremo effeito. Affonso Costa enconchava-se na traição, e Fratel, abandonado, sosinho, teve de manter, por dignidade pessoal, o ataque iniciado. As consequencias eram de prever. Fratel inutilisava-se para o ambicionado professorado, e Affonso Costa, esse Demosthenes de pacotilha, conquistava o premio da mais inaudita vileza.

Este facto, absolutamente authentico, define melhor que tudo a grandeza d'aquella alma e a superioridade d'aquelle espirito. E' escusado rebuscar. Para o auctor d'esta carta, o sr. Affonso Costa é, foi e será sempre, um simples canalha e um puro imbecil. O que é preciso é prende-lo mais curto. Isso primeiro que tudo.»

*

E por aqui fóra segue a autopsia do futuro presidente de uma futura republica que nunca ha de ver-se, para que não fosse uma republica de bandidos.

Daremos para a proxima semana mais elementos para a historia da harmonia existente, então como hoje, amanhã como hontem, na quadrilha jacobina do dr. Alonso.

Publicamos esta carta por o seu auctor o desejar e para que se veja que por toda a parte vae lavrando a reacção. Como esta temos centenas, não só de Portugal, como de *todas* as nossas colonias e do Brazil.

. . . *Sr. Homem Christo.*

Peço licença para cumprimentar V. e felicita-lo pela campanha de desinfecção e saneamento social e politico.

V. é, já hoje, um symbolo, uma alta personificação d'estas que as circumstancias impõem, os factos revelam e as occasiões fazem surdir, como arautos da Providencia, nos grandes perigos.

O que me revolta é chamarem a V. *desqualificado.* A V., o homem que se reforma, por isenção de principios, o homem que se não bate por superioridade a ridiculas convenções, o homem que abraça a fome para manter a nobreza da Justiça e a justiça das suas convicções! Sim, o Snr. é o *desqualificado*, e o Borracho e quejandos que quebram a lei e zombam das sentenças judiciaes e militares, esses são os qualificados — *oh nefundum dictu* — para nos representarem perante a diplomacia mundial!!!

O sr. Villaça, que é intelligente, ha de ver n'esta corrente de votos e subscripções á obra de V., uma votação que não illude, que não é de campanario nem de corrilhos — a votação do protesto da nação, na sua grande maioria, festejando os Albuquerques e dando um pontapé nos Andeiros! Deixe-me dar-lhe um abraço, por V. saber tirar d'este grande atoleiro uma tão limpida revelação da alma nacional.

A obra de V. ha de ficar como um symptoma, uma grande lição salvadora.

Peço a V. de me mandar o *Povo de Aveiro* para S. Nicolau de Cabo Verde, e, ao publicar-se, a Historia do 31 de Janeiro. Egualmente peço a assignatura por 6 mezes para minha familia, sendo dirigido o jornal ao dr. Alfredo Coimbra (medico) — Povoa de Lanhoso, districto de Braga.

—N. B. Por aqui tambem já apparecem ratos do *Povo de Aveiro*, em serviços postaes; ou serão os d'ahi que interceptam? . . .

Deus lhe dê forças para continuar, nobre e valente campeão. Se esta tivesse valor de redacção, como tem de sinceridade e caloroso applauso, desejaria fosse publicada. Permitta V. que com a mais alta estima me confesse

De V. etc.

S. Nicolau—22—V—10.

Augusto Coimbra.

Por se ter atrazado a impressão do volume sobre a revolta do Porto que temos annunciado, continua aberta a inscripção dos assignantes que o pretenderem.

Preço da assignatura: 700 réis, franco de porte.

O ciganão

Sr. Homem Christo

Lisboa, 5-6-910

Desculpe-me V. mais esta impertinencia, que, creia, será a ultima, sobre o assumpto em questão. Vi por acaso n'um jornal republicano "O Povo„ de Vianna do Castello, que envio, (1) negar-se veracidade ao facto que apontei na carta que V., a rigôr, encimou "Cesteiro que faz um cesto...„

O articulista desce ao insulto grosseiro que só prova a sua muita falta de razão e d'educação. Devolvo-lh'o intacto.

Por estrabismo moral vê nos outros qualidades que uma autospecção demorada lhe revelou. Continue a estudar a antiga legenda Helenica —*nosce te ipsum:* —e verá quanto verdadeiro sou n'esta affirmativa.

Diz o articulista que eu quiz desculpar o sr. Dr. Manuel Thomaz por ser monarchico. Puro engano. Odeio grandemente todas as quadrilhas politicas, mas n'este gamma d'odio o que voto ás monarchicas occupa o Zenith porque, como monarchico, que tenho sido e sincero, as conheço melhor em todas as suas nuances e em todas ellas me despertam um nôjo invencivel. Vias em rasa hediondez quando dois homens bem intencionados quizeram pôr travão salutar á deshonestidade na administração publica. N'um rasgo de generosidade expulsaram, como subornador e assassino um cujo maior defeito foi ignorar que quem não tem força para esmagar sentimentalismos na applicação da lei não aceita logares publicos. Assassinaram o outro no momento preciso em que começava a cumprir o seu dever, e como se isso fosse pouco tripudiaram ululantes sobre o seu cadaver que cobriram de baba e d'improperios.

Era o urso das cavernas que, por ancestralidade, surgia das entranhas d'esses poltrões. Para a pratica d'estes actos que nos envergonharam perante o mundo inteiro, deram as mãos ensanguentadas as duas grandes quadrilhas, abrindo uma as fauces dentadas para tudo devorar, honras e dinheiro, emquanto a outra boceja, impaciente, á espera da ração que, a praso fixo! lhe promette um visionario. Que infamissima córja. Mas se para o crime e para a perversidade pode haver uma tangente de desculpa essa tém-a a quadrilha republicana sómente.

Destaca-se n'este estadear de deshumanidade um poeta que, como artista consummado que é, devia viver n'um mundo superior. Mas não: o pobre Rei martyr depois de logrado em vida é chasqueado depois de morto. V. protesta, vibrante d'indignação e com V. todos os que irmanam em sentimento ainda que divirjam em concepções philosophicas. O caso Liborio resultou, assim, coherente. Vejo-o posto em duvida por muitos e é então, que eu, em pró da verdade e com forte amôr de justiça, narro um facto parallelo que, no seu concretismo, o prova exuberantemente. A consciencia, meu unico juiz, diz-me ter cumprido um dever e isso me basta. Mas desde que para dar ao facto esse caracter concreto citei um nome tinha implicitamente d'acompanha-lo com alguns traços moraes. Fi-lo, desejando ser verdadeiro com o mesmo espirito de justiça com que tentei tirar parte da responsabilidade ao sr. G. Junqueiro reputando-o dominado pelo atavismo. Eu não quiz desculpar o sr. dr. M. Thomaz passando attestado de bom comportamento a quem tem timbrado sempre o seu brazão fidalgo com honra e honestidade. Desejei ser justo para quem entrou n'um negocio d'onde lhe não adveio proveito algum. Eis tudo. Se o articulista não estivesse cego pelo espirito de seita veria isto assim. Emquanto á veracidade do facto tem o articulista meios de o verificar sem ter necessidade de recorrer a uma affirmação grotesca, falsa, como faz.

Verdadeiramente o articulista é um correligionario dos diabos. Com que então chama ao acto praticado pelo sr. G. Junqueiro uma malandrice? A tanto não cheguei eu, que só o taxei de ciganice e ciganice com graça. O articulista perdeu uma esplendida opportunidade d'estar calado: o silencio é quasi sempre assim —oiro de lei. Se V. vir que esta prosa agreste e intonsa merece ser publicada digne-se civilisa-la para não ser intenso fundo de quadro no seu tão vigoroso e contundente jornal. Termino por lhe affirmar que tenho muito orgulho em me subscrever de V.

Admirador

João Zaro.

(1) O que nós queremos é informações sobre essa malta republiqueira de Vianna, que ainda não experimentou o azorrague. Lembra-nos que em 1891, passando por alli com Jacintho Nunes, foi a cambada quem nos informou das proezas do Guerra Junqueiro, mostrando-nos o predio vendido ao Estado e contando historias varias do cigano. Agora defendem-n'o!

Venham informações da malta. Deve have-los ahi de estrella e beta.

A questão Hinton

Funchal, 1 de junho de 1910

. . . *Sr.*

No seu *Povo de Aveiro* aqui chegado hontem, vem uma carta de Lisboa que nos empraza para expor, como promettemos a V., em termos claros e imparcialmente, a questão Hinton. Na mesma põem em duvida terem-se dado telegrammas falsos assim como falsas noticias para a imprensa do continente. Não me recordo se já mandei os n.os do *Diario de Noticias* d'aqui, que põem bem em relevo tudo quanto aqui se engendrou e falsificou para fazer com que o governo decidisse tudo de afogadilho a favor de Hinton. Mas breve irá tudo para bem orientar V. A nós, madeirenses, nada d'isto nos causa admiração, porque de ha muitos annos **nunca** se fallou com verdade ao governo, acêrca das chamadas crises de canna saccharina.

Agora na questão Hinton acontece o mesmo; o governo é o que menos sabe, acceitando tudo quanto lhe impingem, fazendo a figura triste e ridicula de levar ás cortes aquillo que lhe deram para ahi entregar. Parte da imprensa de Lisboa não é melhor informada. O signatario da carta, na exposição que vamos fazer a V., vá vendo (se quizer) de que lado está a verdade.

Em tempos dissemos:

A questão da canna saccharina, que todos os annos apavora os grandes proprietarios, tem sido sempre resolvida de afogadilho e a contento d'estes e do industrial monopolista Hinton, porque propositadamente só se ventila em vesperas da colheita, ameaçando o governo com a alteração da ordem publica se o assumpto não fôr resolvido em determinadas condições, por elles impostas.

Resolvida ella, passam governo, lavradores e Hinton a deglutirem socegadamente aguardando que mais um anno decorra para uma nova extorsão fazerem aos cofres publicos.

O que é e o que vale a cultura da canna n'esta ilha já o disseram o sr. Motta Prego e outros que aqui têem vindo estudar o assumpto. D'ella se tem occupado a Real Associação da Agricultura Portugueza e ainda n'uma das ultimas sessões parlamentares a ella se referiu o digno deputado Sr. Queiroz Ribeiro.

A cultura da canna de assucar não convem á ilha da Madeira porque só á custa d'uma protecção escandalosa se mantem. Pois pode e deve porventura o governo proteger uma cultura, cujo producto custa trez ou quatro vezes mais do que o seu congenere estrangeiro? Deve o governo proteger com o sacrificio de centenas de contos de réis uma cultura que é a causa da miseria moral e physica d'este povo?

Vejamos em que consiste essa protecção e quem são os *felizardos* que d'ella aproveitam: Para que a canna de assucar tenha um preço remunerador, isto é, para que se satisfaça a ganancia de uns centos de proprietarios e o insaciavel sr. Hinton, o governo concede a este a importação de melaço de West-Indias pagando de direitos apenas seis reis por kilo; a permissão da entrada na alfandega de Lisboa, livre de direitos, de 2.300.000 kilos de assucar. O sr. Hinton por seu lado obriga-se *simplesmente* a vender alcool para tratamento de vinhos a 890 reis (3,16), podendo vender o assucar na Madeira pelo preço que lhe agradar. Sómente pela entrada do assucar em Lisboa livre de direitos, perde o governo, *em favor* de Hinton, a *bagatella* de 322 contos de réis! Vejamos quem são os outros contemplados.

Os melhores terrenos da ilha, que se podem computar em metade da sua area, estão occupados por canna de assucar.

Esses terrenos pertencem a grandes senhorios, alguns com influencia politica. As bemfeitorias, porem, (paredes, casas, arvores, etc.) são propriedade dos colonos (caseiros). Ha proprietarios de terrenos que teem algumas dezenas de colonos, a muitos dos quaes não convem a cultura da canna porque não tiram resultado algum. Mas os senhorios dos terrenos impõem-lh'a, sob pena de os excluirem da propriedade. Os colonos fabricam a terra, fornecendo ferramentas, agua de irrigação, que é carissima, adubos, etc. Chegada a epoca da colheita o producto é dividido em partes eguaes. Uma para o senhorio outra para o colono.

Para melhor comprehensão exemplifiquemos: Um proprietario tem, supponhamos, vinte colonos a quem impõe a obrigação de **só** cultivar canna dôce. Chegada a colheita apuram-se seis contos de reis, dos quaes 3 contos são entregues ao dono do terreno que nenhum trabalho teve para a sua realisação; sendo a alimentação carissima ainda assim um conto dá bem para o proprietario e familia se alimentarem e mais despezas durante o anno, ficando-lhe dois contos de reis. Os outros 3 contos são distribuidos por 20 familias numerosas, como em geral são as do campo; e como estas são pobres e portanto precisam de receber o producto da sua parte em seguida á colheita, pois necessitam de satisfazer seus compromissos, porque durante o anno comem, vestem, etc. etc. a credito, Hinton faz-lhes um desconto em quanto que os senhorios podendo esperar pelo prazo, recebem integralmente a sua parte. De modo que a situação do *colono* é pouco melhor do que a do escravo.

D'aqui se vê que ha uma pequena parte da população, os senhorios, que teem sido largamente beneficiados com esta cultura, com grande prejuizo do thesouro publico.

Vamos agora vêr o que da protecção iniqua do Governo resultou para toda a população do districto.

Como acima fica dito a maior parte dos terrenos cultivaveis acham-se cobertos de canna saccharina, de modo que todas as outras culturas que abasteciam o mercado foram sacrificadas. Assim a batata dôce, que constituia o alimento do pobre, e se vendia, antes do desenvolvimento da canna dôce, a 140 ou 160 reis cada arroba (15 kilos) chega actualmente a vender-se a 40 ou 50 reis o kilo; a batata (semilha) que se vendia a 240 reis arroba (15 kilos) vende-se hoje a 50 reis o kilo e até a fructa, que a Madeira produzia deliciosa e da qual se exportava uma boa quantidade, desappareceu do mercado, sendo importada hoje muita dos Açôres e do continente.

Tudo se sacrificou á ganancia dos senhorios!

Hoje a população alimenta-se quasi exclusivamente de generos importados, pois a quantidade de cereaes, de procedencia estrangeira, é a seguinte:

Milho: 14 mil moios, 364 contos de reis; trigo: 9 mil moios, 459 contos; arroz, dose mil saccas, 120 contos; o que representa uma verba de cerca de 943 contos de reis (ouro) que sae do districto. Qual é a compensação que nos dá a canna de assucar? Alem de cerca de 100 contos de reis do alcool que entra no tempero do vinho de exportação, nós só lhe devemos a fome das classes pobres, a miseria moral, a degeneração da raça de 160 mil habitantes, pois que o alcoolismo invadiu todas as classes.

Não pára aqui, porem, a acção perniciosa deste regimen: até o baixo commercio é por ella attingido, vendo-se muitas vezes na necessidade de lançar-se nos braços da agiotagem, porque ao passo que Hinton dispõe d'um largo credito na Agencia do Banco de Portugal, esta recusa-se muitas vezes a fazer descontos aos pequenos commerciantes.

Seu effeito pernicioso ainda chega ao gado; como não ha forragens sufficientes; é preciso importar annualmente mais de 20 mil saccas de semeas, o que representa ouro sahido no valor de mais de 40 contos.

Para finalisar diremos que o cereal estrangeiro importado, paga de direitos na alfandega, em cada anno, a importante somma de 200 contos de reis!!!

O actual regimen, pois, não convem ao povo que trabalha, que nunca foi consultado nem tão pouco reclama dos poderes publicos tal monstruosidade.

As reclamações cheias de ameaças têem sido feitas pelas camaras municipaes, cujas maiorias são constituidas por *lavradores que não trabalham* e por Hinton que está hoje riquissimo, e que, para evitar a concorrencia, está pagando ou gratificando annualmente a uma fabrica para a conservar fechada e segundo dizem tem tambem subornado algumas casas commerciaes para não importarem assucar estrangeiro, afim de vender o seu por um preço elevadissimo.

E' esta, sem exaggero, a situação creada pela canna a este povo e que ameaça aggravar-se cada vez mais, se o governo não lhe puser cobro ou com a reducção do plantio ou com o livre fabrico de assucar limitando ao mesmo tempo o fabrico de aguardente, de modo que esta só possa vender-se por um preço elevado.

S.

Tournée Lucinda Simões

No dia 21, Lucinda Simões e sua *troupe* dão uma representação no Theatro Aveirense, com *A tia Leontina.*

O preço avulso do «Povo de Aveiro» é de 20 reis em todo o paiz.

UM IGNOBIL GAROTO

Vejamos então o que dizia e *Correio da Noite* e que o *Diario Ilustado* transcrevia:

A ingenuidade provinciana

— ✻ —

O sr. Julio de Vilhena, poeta

Aquelles para quem se fazem os reclamos das Pilulas Pink — Como um jornal regenerador tomou a serio uns phantasiados versos do seu chefe—Um caso gracioso

O nosso illustre e espirituoso collega, sr. Alvaro Pinheiro Chagas, director do *Diario Illustrado*, no intuito de fazer o melhor reclamo ao seu, aliás muito interessante, livro *Notas d'um lisboeta*, metteu na baila os chefes dos grandes partidos historicos, e assim phantasiando uns versos do sr. Conselheiro Julio de Vilhena, publicou-os com o retrato do seu pseudo-auctor. E vae então o *Jornal do Povo*, que se intitula *orgão do Centro regenerador da Guarda—Hintze Ribeiro e José Cavalheiro*, sahe-se com este artigo, que merece archivar-se como documento da candidez, que ainda existe nas almas provincianas:

Julio de Vilhena e o DIARIO ILLUSTRADO

"Todo o paiz se lembra, ainda, da fórma desdenhosa, irritante, mesquinha e inferior como o "Diario Illustrado, orgão do franquismo, tratou o sr, Conselheiro Julio de Vilhena, quando o nobre estadista, n'uma alta comprehensão psycologica do nosso povo, prophetisou o natural fim do reinado de D. Carlos e que Portugal não podia supportar as perversidades e tyrannias do mediocre João Franco.

"Ninguem se esqueceu com que arrogancia n'aquelle jornal — que após o "suicidio„ de D. Carlos, emmudeceu n'uma attitude medrosa e cobarde—se dizia que o sr. Con-

selheiro Julio de Vilhena jámais seria presidente do Conselho e como se amesquinhavam as suas altas qualidades de estadista.

"Sua ex.a com tanto despreso e superioridade, olhou para o que aquellas creaturas escreviam, que esquecendo-se, ou, talvez, não as ouvindo n'uma hora de bom humor, n'um reclamo, de comiseração, ante as "Notas d'um Lisboeta„ livro d'um dos seus amesquinhadores, escreveu estas bellas lyricas que, na sua originalidade e graça, bem põe em relevo as mais altas faculdades do poeta primoroso.

Onde vão?

Onde vaes, nuvem ligeira
Que no ceu corres veloz?
Onde vaes, brisa fagueira?
Onde vaes, ó albatroz?

Onde vaes, pomba mimosa,
Que abandonaste o pombal?
Onde vaes, ó mariposa,
Que foges do roseiral?

Onde vaes, linda sereia,
Onde vae teu pensamento?
Onde vaes, ó grão de areia,
Arrebatado p'lo vento?

Onde vão aguas do rio,
Galgando os altos rochedos?
Onde vão, no rodopio,
O' folhas dos arvoredos?

Onde vaes. torvo chacal?
Onde vaes, ó lua nova
Onde vaes, alma immortal,
Quando o corpo desce á cova?

Onde vaes, ó ribeirinha,
Deslisando pelo campo?
Onde vaes, ó andorinha?
Onde vaes, ó pyrilampo?

Onde vaes, louro donzel,
Onde vae teu suspirar?
Onde vaes, fragil batel,
Sobre o manto azul do mar?

Onde vaes, costureirita,
Tão gracil, pisando a rua?
Onde vaes, ó pequenita,
De faces de côr da lua?

Onde vaes, ó virgem pura,
De labios côr de romã?
Onde vaes, ó noite escura,
Quando desponta a manhã?

Onde vaes, pólen fecundo,
Nas azas da viração?
Onde vaes, ó vagabundo,
Sem paz, sem lar e sem pão?

Onde vaes, ó camponeza,
Em teu canto erguendo a voz,
Pelas sombras da deveza?
Para onde ides todos vós?...

E o toque de Ave-Marias
Então respondeu ao poeta:
Vão comprar ás livrarias
AS NOTAS D'UM LISBOETA.

"O auctor das *Notas d'um lisboeta*,—que para nós não passam de *piadas chulas* de um semsaborão, — lambendo-se com este reclamo do que tanto agredira em camaradagem com os de mais da casa, apressa-se a annotar o ultimo verso com esta referencia:

(*) A' venda em todas as livrarias de Lisboa e Porto e na administração do "Diario Illustrado„, de onde se remette pelo correio a quem enviar **600** *réis em vale do correio ou valor de facil cobrança. Livraria Ferreira. Editora. 132—Rua do Ouro—138,*

"E, agora o sr. Julio de Vilhena já não é o mediocre, um sem criterio, sem senso, nem o subordinado de todos: é... ora leiam, como agora o "Diario Illustrado fala do illustre chefe do partido regenerador:

O sr. conselheiro Julio de Vilhena está longe de ser um desconhecido, não diremos já só nos agitados arraiaes da politica, onde occupa um logar proeminente, mas mesmo no sereno campo da litteratura e das puras especulações intellectuaes, onde, desde os bancos das escolas conquistou um posto de honra aquelle que havia de ser mais tarde o chefe prestigioso de um grande partido historico.

Estudante laureado da nossa Universidade, que mais tarde lhe revestiu os hombros de um capello e lhe collocou sobre a cabeça a borla symbolica, jurisconsulto notabilissimo, auctor de varias obras juridicas justamente consagradas pela critica imparcial, deputado, par do reino, jornalista brilhantissimo, ministro em varias situações, depois chefe livremente eleito do partido regenerador, **futuro Presidente do Conselho**, *bem podia o sr. conselheiro Julio de Vilhena menospresar novos titulos de admiração e de gloria, se acaso o seu espirito não fosse d'aquelles que precisam revelar-se em multiplas manifestações, não desdenhando mesmo o illustre estadista frequentar as Musas conforme acaba de nos ser denunciado pelo elegante voluminho que temos sobre esta mesa, intitulado* Rosas e Abrolhos *e que constitue, diga-se de passagem, uma excellente edição da Empreza Leituras Recreativas.*

"Hontem, não tinha o menor valor, nunca seria presidente do conselho: hoje... é tudo o que ahi fica, e que do *Diaria Illustrado* copiamos!

"E' assim, que os grandes d'alma se riem dos inferiores que os tentam amesquinhar. E' assim, obrigando-os, n'uma hora de bom humor, a rojarem-se e a reconhecerem o que não pódem avaliar, porque lhes falta intellectualidade para tanto. E, lisongeados, logo, tacitamente, se retractam...

"Como Julio de Vilhena é grande e como os seus detractores são pequeninos!„

Commentario do *Correio da Noite*:

«E ainda ha quem não tome a serio a ingenuidade dos poetas campezinos...»

Commentario do *Diario Illustrado*:

«Tem razão o *Correio da Noite*... Parece impossivel que ainda haja quem os não tome a serio...»

Eis o cretino, o verdadeiro cretino! O lorpa, o imbecil, o asno! Como se ficasse alguma duvida, a alguem, de que as *bellas lyricas* não eram, não podiam ser, de Julio de Vilhena!

O garoto boçal! O safardana pretencioso e alvar!

Mas agora o pulha.

Alem de cretino, pulha. Cretino e pulha provado! Provadissimo!

O *malandrão que anda pela Guarda a armar em moralão*, como em verso de pé coxo o bisborria disse de si mesmo. A armar em moralão o malandrão, *quando a sua vida é cheia de podridão*. Ão, ão, malandrão!

Poeta *ranhoso*, e a ladrar. Mas em latidos dizendo a verdade, porque lá que a sua vida é *cheia de podres*, é uma grandissima verdade. Vida d'immundo latrinario!

Effectivamente o pulha, digno camarada dos mais abjectos sucios da republica, desde o Affonso Costa até ao Margarido, roubou a mãe, roubou as irmãs, expulsou de casa a mãe e as irmãs, e levantou a mão para a mãe, se não chegou a espanca-la. Que a injuriava, que a ameaçava, são concordes todas as informações. Se lhe chegou a bater, não o podémos, ao certo, averiguar. Mas o que ahi fica, com tudo o que antecede, basta para definir o cão leproso.

O cão leproso! Não injuriemos os cães. A vibora venenosa, a osga peçonhenta!

O hediondo reptil é, como previamos, um producto immundo d'esta politica vergonhosa em que se afunda o paiz. Resultou da dissidencia franquista. Hintze Ribeiro, enfraquecido na Guarda, lançou mão de tudo. Lama, pus, dejectos, tudo lhe servia. Na cegueira d'adquirir clientella, tudo aproveitava, tudo lhe convinha. E, assim, serviu-lhe aquelle pulha, e serviu-se d'aquelle pulha, alma lazarenta que vadiava pela Guarda inspirando horror aos homens e nojo aos cães.

O vomito sujo dos prostibulos!

Hintze fê-lo inspector do sello. E o rodilhão prostituido, que tinha reduzido a mãe e as irmãs á miseria, apressou-se a afugenta-las, a expulsa-las, a escorraça-las, para que as tristes não perturbassem a sua nova posição... de *grand seigneur*. O miseravel! Ha homens a quem a natureza, para se vingar da estulta vaidade da especie, poz as tripas no cerebro e no coração. Este é d'esses. Aquelle miolo, aquelle coração não resuma senão trampa, nauseando toda a gente e infectando tudo.

Montureira vil!

Ah, mas nós queremos amarra-lo a este pelourinho. E aqui, até estar satisfeita a justiça e a verdade, açoita-lo e cuspi-lo. Embora n'aquelle corpo de rameira só tenha acção o açoite, que doe. O cuspo, não.

Até domingo, miseravel. No domingo contaremos mais um trecho da tua infamissima historia.

Escrevem-nos da Guarda

Deixo hoje em paz o *ignobil* Julio Ribeiro para fallar do seu *compadre* Alberto Silva.

E' verdade que os dois irmanam-se nos meios de ataque, na pedantice, no sentimento, no cynismo deslavado e impudico que os torna odiosos, e que nos induz a desmascara-los, apresentando-os á sociedade que os tolera, como elles são e não como se apresentam.

Este povo conhece-os, mas não bem; de contrario te-los-hia fustigado, atirando-os á valla do desprezo.

Alberto da Silva é o que todos sabemos: um devasso mais baixo que os *taes* da Quinta da Formiga.

Aquelles faziam puxar as mulheres a uma nóra, este serviu-se d'ellas, n'uma praça de touros, para se adestrar na arte de bandarilheiro!

E não foi só elle; tambem outros, que por ahi andam, desceram á vil abjecção de correrem mulheres nuas.

Mas Alberto da Silva, que tinha fumaças de intellectual, era mais consciente; por isso mais criminoso.

Os outros nunca pertenderam levantar uma estatua á moral; descem mas não se arrogam immaculados; este arma em moralão, diffama, calumnia e mente.

Como moralista é o que se viu na tal tourada humana; como diffamador basta compulsar a collecção (se ha alguem que teve o mau gosto de a conservar) do seu jornal.

Vê-se alli o dr. Prazeres, um dos homens cuja acção mais fructifera tem resultado para esta cidade, pintado de asno a arengar aos vereadores tambem pintados de orelha grande.

Leem-se as mais descaradas baboseiras contra o medico Saccadura, que em tempos não affastados lhe trouxe tudo á suppuração com o acerado bisturi da sua penna, no extincto *Commercio da Guarda!*

Leem-se elogios ao prelado da diocese para, depois, passado algum tempo, o pretender encher de lama.

A familia Patricio é alli insultada; hoje elogia-se porque lhe deu uma filha e com ella o valimento que nunca mereceu, o pão que lhe escasseiava.

Não me alongarei hoje na exposição do cadastro do jornal que Alberto da Silva dirige e onde semanalmente vem despejando a sua bilis. Sómente, e para terminar, notarei um dos factos mais caracteristicos, e por onde se pode ajuizar da justiça que sempre presidiu aos seus actos quando, da situação regeneradora, elle exerceu o logar de administrador do concelho.

E' de todos conhecida a protecção que elle dispensou a duas mulheres, uma de Villa Fernando e outra de Pousade, accusadas do crime de aborto.

Essas duas mulheres, cujos nomes não recordamos, encontraram em Alberto da Silva a mais criminosa protecção, chegando elle mesmo a protelar a mais comesinha justiça, a lançar ao certo as participações dos respectivos regedores só porque... advinhem, só porque, segundo a voz publica, eram, amantes d'elle.

Este o melhor diplôma que o pode recommendar para esse logar na situação teixeirista, para o que elle já anda fazendo jogo.

R. P. S.

—

Sobre est'outro pulha, este Alberto Silva, tambem temos informações especiaes.

Esta mosca varejeira, não menos immunda, repugnante, porca, que o garoto do Julio Ribeiro.

Arcades ambo.

De Lisboa

Sr. Homem Christo.

Fez bem em cortar a ultima parte da minha carta. Pode supprimir á vontade, ou mandar alterar o que entender, o que julgar conveniente, que com isso não me incommoda. O meu fim, dirigindo-me um pouco energicamente a Fernando de Serpa, com quem aliás sympathiso, era ver se elle não morria de todo, pois com a tratantada que lhe fez Affonso Costa parece que o homemsinho vae morrer. Não deu mais signal de vida.

Emquanto Fernando de Serpa parece que se enterrou cem varas pelo chão abaixo, Affonso Costa anda impavido, affrontando a opinião publica com tal descaramento, com tal ousadia, com tal impudor, que parece ter praticado a obra mais meritoria do mundo. Ainda no sabbado estava á porta do Credito Predial com uma duzia de obrigacionistas a querer forçar a entrada, e a fazer discursos a quantos accionistas entravam. Parecia a encarnação da justiça, da honra, da honestidade e do pundonor! O mais comico do caso era o general Montalvão, que é um homem serio e digno, estar a fazer côro com elle. Pois se o general Montalvão queria assistir á Assembleia Geral do Credito Predial, como obrigacionista, porue não se dirigiu, na vespera, áquelle estabelecimento a pedir o seu bilhete de identidade, como fizeram outros obrigacionistas que lá estavam, e todos os accionistas?

Quem recusaria ao sr. general Montalvão, que todos conhecem como um homem sério e digno, a sua entrada no Credito Predial, ou em qualquer parte, se elle, em tempo, a tivesse solicitado? Que desnorteamento em que tudo isto anda, que até o sr. general Montalvão julgou necessario ser apadrinhado por Affonso Costa, para ter accesso n'um estabelecimento onde tem interesses!

Como andam as cabeças, até dos mais ponderados, que um homem como o sr. Montalvão desceu a estar á porta d'um estabelecimento de mistura com Affonso Costa e a sua troupe, e que troupe, berrando para que o deixassem entrar, o que não conseguiu, pela companhia em que estava e pelo processo que empregou! Eu, que sou amigo do sr. Montalvão, tive dó de o ver descer tanto.

E lá estava Affonso Costa, muito ancho, muito senhor de si, impavido, com um general serio e digno ao lado a berrar, a gesticular com elle, para querer forçar a entrada do Credito Predial, o que não conseguiu!

E depois de desilludidos lá se foram, de rabinho entre as pernas, corridos, envergonhados pela triste figura que fizeram, se porventura Affonso Costa é susceptivel de ter vergonha, do que duvida quasi toda a gente.

* * *

Na 1.a assembleia geral, que foi muito concorrida, lá estavam na 1.a fila, mesmo defronte da mesa da presidencia, Moreira d'Almeida, Ressano Garcia, guarda livros Bravo, Carvalho Pessoa e outros membros da companhia dos assucares de Moçambique. Quem os viu ali todos enfileirados, accionistas da ultima hora, diria — ali estão os campeões da moralidade!

Estes insignes patriotas compraram acções á ultima hora, para irem alli animados do mais santo amor pelos interesses dos accionistas defender os seus haveres.

Isto é que é abnegação, que todos os que teem interesses no Credito Predial devem agradecer. Mas o que fazia o reparo e admiração de todos era o ardor com que zelavam este estabelecimento, e tão pouco cuidado teem pela Companhia dos Assucares, onde teem defraudado os accionistas a ponto d'estes lhes moverem processos crimes que os hão de levar á cadeia se n'este paiz houver justiça! O phenomeno mais notavel d'este caso do Credito Predial é que quem mais berra são os que compraram as acções á ultima hora e mesmo os que nada teem n'aquelle estabelecimento.

Outra classe dos berradores e dos indignados são os politicos Teixeiristas, Alpoinaceos e Costistas, que pedem a cabeça de José Luciano, mas que querem a apotheose de Pimentel Pinto, Marquez d'Avila, José Vianna, etc., etc., membros do conselho fiscal e seus partidarios.

Estes cavalheiros no ultimo relatorio, apresentado á Assembleia de 28 de março, declararam que *viram, examinaram, conferiram*, todos os livros, todas as contas, todos os mappas, toda a escripturação emfim. Tudo estava n'um brinquinho e a companhia estava tão prospera que propozeram 8 p. c. de dividendo aos accionistas e uma gratificação ao grande alfobre de empregados que ali enxameiam por todas aquellas salas, corredores, gabinetes, etc. etc. a receber bellos ordenados.

A companhia era reputada tão prospera pelos cavalheiros que compõem o conselho fiscal, que não se contentavam com os bellos ordenados que tinham os empregados e quizeram gratifical-os.

Mas estes individuos, que são regeneradores, amigos de Teixeira de Sousa, não teem nenhuma responsabilidade! O governo, que nada, absolutamente nada tem com o Credito Predial, é que deve cahir. E sabem para quê? Para subir quem? O Teixeira de Sousa, acolytado pelos seus amigos, membros do conselho fiscal do Credito Predial!

Já viram idiotas mais completos? E então que ministerio nos dava este tal Teixeira de Sousa, o homem das aguas de Vidago apanhadas á camara de Chaves, cuja questão definitiva elle venceu no Supremo Tribunal apenas por um voto de maioria, o do recentemente fallecido conselheiro José Pereira, que foi buscar a casa, arrancando-o do leito e levando-o em braços para o Tribunal, para com o seu voto elle fazer vencimento na questão das aguas de Vidago!

E é este moralão, que exerce illegalmente o logar de director do Banco Ultramarino e administrador geral das alfandegas, que quer deitar o governo abaixo por causa do Credito Predial, questão com o que o governo, repito, nada, nada, absolutamente nada tem, para elle subir. E então que gente elle levava!

O ministerio que, segundo constava, Teixeira de Sousa tinha organisado, era:

Elle — Presidencia e Reino.
Justiça — Fratel.
Fazenda — Pereira de Lima.
Guerra—Raposo Botelho.
Marinha — José d'Azevedo.
Estrangeiros — Mello Barreto.
Obras publicas — Queiroz Velloso.

Salvam-se aqui dois nomes, Raposo Botelho e Fratel.

José d'Azevedo, ministro! Nem Hintze, com todas as suas facilidades, e os seus poucos escrupulos se atreveu a guindal-o a uma pasta. Teve de o mandar á China para se ver livre d'elle. E nunca se soube quanto custou ao paiz esta aventura.

* * *

Na sessão da camara dos pares de terça-feira, 7, lá trovejou o Arroyo. Lançou sobre o governo raios e coriscos. Foi uma tempestade! Queria que o governo se fosse já, já, sem demora para o meio do rua.

E porque?

1.º — Por addiar as camaras no dia 2 de janeiro.

2.º — Por causa da questão dos assucares da Madeira.

3.º — Por causa da sessão das Cartas do Affonso Costa.

4.º — Por causa do Credito Predial.

Sobre este thema trovejou, berrou, fez esgares truanescos, ademanes desengraçados, reviradellas d'olhos breijeiros, emfim, parecia um palhaço, um artista de feira, um apresentante nas praças publicas de elixires para tirar dores e nodoas nos fatos gordurentos. O homem divertiu realmente os ouvintes, que acudiram ás galerias por causa do reclame do *Seculo*, que elle e o Alpoim mandam fazer para terem publico para admiral-os! Santa gente!

E ficou este truanesco orador convencido de que o paiz ficou todo suspenso dos seus labios e de que corre todo atraz d'elle para impor ao rei a queda do governo! Phantastico!

E sabem porque são todas estas furias? Porque o governo não o nomeia embaixador para Roma.

Era o que diziam na camara, á boca pequena, os seus collegas, e, nas galerias, os ouvintes. Elle queria para ali a queda do governo, a cabeça de José Luciano, e a morte politica do Beirão, *o traidor!*

Na galeria ouvimos aos espectadores, boquiabertos com tanta audacia, dizer: este Arroyo não se lembrará de quando teve mandado de prisão por causa do Nyassa? Não se lembrará de quando o Hintze e João Franco, então ministros, lhe foram dar a casa a triste nova de que tinha de dar entrada na cadeia? Não se lembrará de que se lhes deitou aos pés chorando, supplicando, exhortando que lhe acudissem n'esse transe tão afflictivo da sua vida? E tal foi a sua attitude que Hintze e Franco se convencenceram, prometendo salval-o. E cumpriram.

Não se lembraria da sessão da camara dos deputados em que elle proprio confessou então o crime?

Não se lembraria do que disse n'esse transe e em attitude pathetica: a chorar!

Foi elle proprio que o confessou n'uma sessão da camara dos deputados, se a memoria me não falha. E d'ahi talvez fosse já na camara dos Pares. Truanesco orador!

De vez em quando ouvia-se um apoiado de José d'Azevedo e d'Alpoim, unicos que aplaudiam o orador.

Arroyo prometteu á sociedade Teixeira de Sousa, Alpoim, Affonso Costa em que se foi enfileirar, fazer cahir o governo a golpes de rethorica. E então deu o dó do peito como bom musico que é, mas só os ouvintes não se commoveram, muito menos o paiz, que os conhece de sobejo. Mas que audacia tem esta gente! Como podem suppor que o governo lhes vae parar ás mãos, elles, os protectores dos assassinos do Rei e do Principe Real? Elles, que querem atascar as mãos nos cofres publicos para pagar as dividas? Elles, os mais crapulosos dos politicos do nosso paiz? Elles, os protectores dos incendiarios das repartições de fazenda de Alijó, Murça, Valpassos, e Carrazeda de Anciães? Elles, os adiantadores dos dinheiros publicos aos amigos? Elles, os distribuidores de empregos aos seus apaniguados, tirando o direito aos mais classificados em concursos? Elles, a ralé dos politicos portuguezes? Elles, finalmente, os mancommunados com os republicanos para expulsar a tiro, se necessario for, a familia real e fazerem a Republica?

Nunca esta quadrilha ha de ver realisados os seus sonhos de ambição!

A. P.

Provincias

Evora.

Ha bastante tempo que o seu jornal é aqui guerreado por alguns republicanos cá do sitio, havendo até mesmo entre elles um que se tem tornado bastante saliente.

Esse cavalheiro, que se chama Romão Marques, tem tanta asca ao jornal, que tem feito coisas que pouco honram quem tanta moralidade e egualdade apregôa pelos comicios, conferencias e cafés, egualdade essa que é para inglez vêr, como todos aquelles que mettem á bulha os ignorantes e depois .. salve-se quem puder.

Esse cavalheiro começou por deixar de frequentar o estabelecimento d'um amigo de quem era freguez, porque elle tinha commettido o horrivel crime de vender o jornal.

Não contente com isso, ainda pediu a alguns freguezes para deixarem de ir ao estabelecimento, o que conseguiu de alguns, mas outros houve que não concordaram com tal modo de pensar, por encararem as coisas como deve ser.

Alguem um dia perguntou ao tal amigo qual o motivo porque tinha deixado de ser freguez e amigo de Fulano que vende o *Povo de Aveiro*.

A sua resposta foi que o considerava tão pulha como o jornal. E' facil de dizer. A verdade, porem, é que o *fulano* não tem feito coisas indignas na vida, nem andou a esconder-se d'arco em arco, na rua do Paço, para fugir á responsabilidade, quando certo grupo recebeu com toda a qualidade d'improperios, os habitantes d'esta cidade que foram a Villa Viçosa fazer uma manifestação a el-rei D. Manuel.

Ha pouco o tal sr. Marques, sendo director da sociedade "Harmonia Evorense„ e havendo ali o *Povo de Aveiro*, começou por se impor para que o jornal deixasse de estar no gabinete de leitura, fazendo até com que a direcção deliberasse eliminar os seguintes jornaes: *Povo de Aveiro, Lucta, Voz de Estremoz. Folha do Sul* e *Mundo*, sendo os quatro primeiros votados por unanimidade. Fez sacrificar os outros jornaes só para chegar ao *Povo de Aveiro*.

Porem um grupo de socios entregou á direcção uma representação com 50 assignaturas, pedindo para continuarem ali os mesmos jornaes, visto a sociedade não servir para politica. A direcção attendeu da melhor vontade o pedido, mas o sr. Marques despediu-se de director com o que sociedade nada perde.

E eis os moralões e os liberalões!

C.

—†—

Moita.

Os correligionarios do *Pechuga* ficaram envaidecidos com o elogio que vinha na ultima correspondencia do *Povo de Aveiro*.

Foi lida pelo elogiado em voz alta, em casa do homem dos barris, e todos gostaram muito do elogio. Só a dona da casa é que saltou para cima do balcão, e ameaçou o ceu e a terra, os thalassas, o *Povo de Aveiro*, o Homem Christo, e tudo o que não é vermelhaço; e fez com que o homem dos barris fosse á procura do Dr. Machuca que é pae d'elles todos, para lhe mostrar a correspondencia, e ver o que o Machuca dizia. Ahi vae o pobre homem com o *Povo de Aveiro* á procura do Dr. Machuca, corre a Moita toda, e não o encontra; já vinha para casa, e dizem-lhe no caminho que um thalassa tinha comprado quatro *Povos de Aveiro* para distribuir pelo campo com a noticia do *Padre Nosso*. O homem faz-se branco e corre a casa dizer á Baroneza do pé esguio, da compra dos quatro jornaes. Então é que foi o bonito, rogaram-se raios e coriscos, cahiram sobre os thalassas e o *Povo de Aveiro* telhas e telhados, um boccado de céo velho á mistura, de tal forma que até os freguezes que estavam em casa d'ella fugiram, supondo que a mulher estava com a raiva da raça canina.

Depois de lhe passar a raiva estive com elles, já então estavam mais moderados, dizendo que o *Povo de Aveiro* que foi o diabo que entrou na Moita; que se começa a descobrir as mazellas dos sacripantas, então que tinham d'ir fazer uma viagem até... Palmella. E diziam isto quasi a chorar. E eu dei-lhes razão, para mais os fazer afinar, e vê-los zangados porque são muito bonitos quando estão a deitar espuma pela boca.

Um thalassa.

—

Temos em nosso poder uma carta do sr. João Padre Nosso, que, por falta d'espaço, hoje não publicamos.

Sahirá no proximo domingo.

—†—

Gouveia

Não é para discutir politica que eu hoje venho occupar algum espaço no seu conceituado jornal *O Povo de Aveiro*.

E' só unicamente para que alguns correligionarios d'esse a quem V. conhece, e aos quaes tem posto em claro suas vidas depravadas, tenham mais cautela com a lingua, porque então terei que principiar a tirar-lhes a capa que usam, que é a da hypocrisia e da exploração.

Escreve isto um rapaz de 19 annos que ainda não está na altura de conhecer a politica, mas que já tem na sua mente a intelligencia sufficiente para poder conhecer a vossa figura no partido republicano. Ainda mais. Não se governa por meio da exploração, nem vende a sua consciencia, nem a sua ideia a troco de alguns mil reis. Este aviso é por causa de um caso occorrido na *Associação de Socorros Mutuos dos Artistas* e operarios quando alli entrou o distribuidor do *Povo* e alguns cavalheiros o intimaram a retirar-se porque emporcalhava a casa com a presença do jornal de Homem Christo. Fallavam sem *se conhecerem!*

Se querem criticar o sr. Homem Christo, não venham depois insultar quem os criticar a elles... Ora, pois, ahi fica o aviso. E não diremos mais por hoje. Mas ahi fica o aviso! Não o esqueçam.

Sou seu admirador

Um Rapazote

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismido Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59, João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Amaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho, 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis; **Vizeu**—Kiosque do Rocio; **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real**—Kiosque Trindade, **Alvorninha**—Paulino da Silva Mendes. **Alpedrinha**—Manuel dos Santos Tarouca. **Villa Franca de Xira**—Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal**—Profirio Ferreira. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Fáro**—Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Villa Nova de Baronea**—José Custodio Figueira. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**—**Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira **Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amarelleja**—**Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo**—Fortunato Reinata. **Tondella**—Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Ançã**—José da Costa Neves. **Braga**—Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel**—Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

Vianna do Castello—No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos. **Elvas**—Luiz Samuel da Silva. **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão**—Belarmino Barata. **Guarda**—José da Silvaa.

Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço**—Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Tavira**—Francisco Peixoto. **Alcochete**—Joaquim Valentim. **Santarem**—Vende-se nas ruas. **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja**—José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Beliz. **Villado Cano**—Antonio Martins Florentino.

Louzã—Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos**—Agencia Lusitana. Rua Roberto Ivens. **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouvela**—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria**—Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade (*o Varino*). **Setubal**—Manuel Tavares. **Arronches**—Miguel Maria.

Vianna do Alemtejo—Joaquim Antonio Carvalho. **Loriga** (*Ceta*)—João Mendes Cabral Lages. **Escalios de Cima** (Beira Baixa)—Miguel Maria Tavares. **Lagôa**, (Algarve)—Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa**—Luiz Fillippe d'Abreu **Bragança**—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira**—Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis**—Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Thomar**—Joaquim da Costa Carvalho. **Alemquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe**—Almeida Guimarães & Alves. **Benavente**—Manuel Dias Varandas. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**—**S. Miguel**—Café Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Emilio Augusto Fernandes. **Villa Nova de Famalicão**—José Ferreira Ramos. **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Villa do Espinhal**—Augusto Duarte Bento. **Caldas da Rainha**—José da Silva Dias, rua de S. Sebastião, 3 e 5. **Molta do Ribatejo**—Victorino Soeiro.

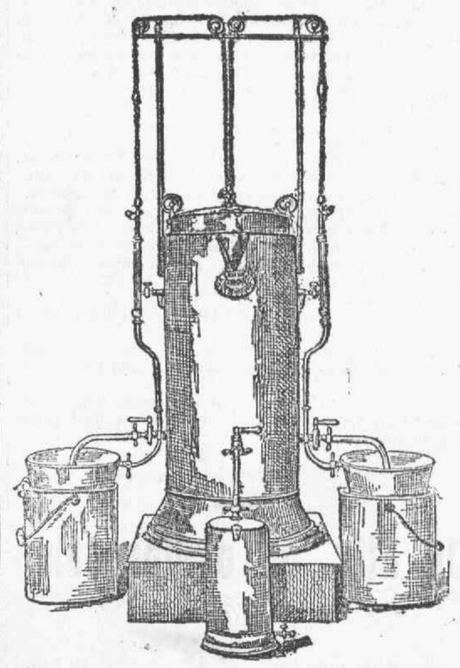
BRAZIL

Rio de Janeiro—Manuel Botelho d'Abreu—Associação dos Empregados do Commercio—Avenida Central, 120.

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene, Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª
LARGO DE S. DOMINGOS, 20
LISBOA